

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ELLEN GABRIELA VITOR TOLEDO DA SILVA

**REFLEXO DA VIDA NA NONA ARTE: O 11 DE SETEMBRO E AS HQS DO
CAPITÃO AMÉRICA**

**SÃO CRISTÓVÃO
2022**

Ellen Gabriela Vitor Toledo da Silva

**REFLEXO DA VIDA NA NONA ARTE: O 11 DE SETEMBRO E AS HQS DO
CAPITÃO AMÉRICA**

Monografia apresentada ao Departamento de
Relações Internacionais da Universidade Federal de
Sergipe como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Barros de Albuquerque

SÃO CRISTÓVÃO
2022

RESUMO

O presente trabalho consiste em investigar e analisar a ilustração, a reprodução e o conteúdo das Histórias em Quadrinhos do Capitão América após o ataque terrorista que atingiu o World Trade Center, em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001. Este evento trouxe diversas mudanças sociais, econômicas e, principalmente, políticas para os Estados Unidos, pois estimulou respostas políticas internas e externas como por exemplo, a Guerra ao Terror. Além do mais, os personagens de super-heróis da época também vivenciaram o impacto deste episódio, trazendo novas edições, novas ligações entre editoras e novos quadrinhos para retratar o contexto, as políticas, os discursos e os sentimentos dos norte-americanos após o acontecimento de 11 de setembro. Dessa forma, a pesquisa tem como base a relação entre o discurso e a imagem, seu texto e o contexto sociocultural com a intenção de indagar como as modificações na política e no contexto influenciam na representação dos Quadrinhos, componente significativo do entretenimento dos Estados Unidos e do mundo. Para tal fim, examinaremos o caso particular dos Quadrinhos do Capitão América, investigando e estudando os roteiros, os discursos e imagens do Capitão América.

Palavras-chaves: História em Quadrinhos; Atentados de 11 de setembro; Estados Unidos; Super-heróis; Capitão América.

ABSTRACT

This study aims to investigate and analyze the illustration, the reproduction, and the contents of Captain America's Comics the Comics after the terrorist attack that hit the World Trade Center, in New York, on September 11th, 2001. This event brought several social, economic and, above all, political changes to the United States as it stimulated internal and external political responses, such as the War on Terror. Nevertheless, the superhero characters of the time also suffered from the impact of this episode, bringing new connections between editions, new editors, and new comics to portray the context, policies, speeches and feelings of North American after the September 11th event. Thus, the research is based on the relation between speech, text and image and the socio-cultural context with the intention of investigating how changes in politics and context has significance in the representation of Comics, a symbolic component of entertainment in the United States and the world. For this purpose, this article will examine the case of Captain America's Comics, investigating and studying Captain America's scripts, speeches, and images.

Keywords: United States; September 11, 2001; Comics Books; Super-heroes; Captain America.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1- Selo de Aprovação do Comics Code.....	23
Figura 2- Les Amours Monsieur Vieux Bois.....	25
Figura 3- Max Und Moritz.....	25
Figura 4- The Yellow Kid.....	26
Figura 5- Primeira Capa de O Fantasma.....	28
Figura 6- Segunda Aparição de Flash Gordon.....	29
Figura 7- Primeira Capa dos Quadrinhos do Superman.....	30
Figura 8- Primeira Capa do Batman.....	31
Figura 9- Amazing Fantasy #15.....	34
Figura 10- Comics do X-Men #4.....	35
Figura 11- Capa de Avengers.....	35
Figura 12- Primeira Aparição de Thor.....	36
Figura 13- HQ Lanterna Verde Vol. 87.....	37
Figura 14- Watchmen.....	38
Figura 15- Batman: O Cavaleiro das Trevas.....	38
Figura 16- Quadrinhos do MAUS.....	39
Figura 17- Comics da Mulher Hulk.....	42
Figura 18- Centésima Edição da Mulher-Aranha.....	43
Figura 19- Savage Tales Featuring Conan.....	43
Figura 20- Primeiro Discurso de George E. Bush ne Presidência	52
Figura 21- Nuvem de Palavras de Todos os Discursos Analisados.....	52
Figura 22- Tendência de Índices de Aprovação do Trabalho de George W Bush.....	53
Figura 23- Últimas capas do Volume 3 do Capitão América.....	61
Figura 24- Capas das 6 primeiras edições do Volume 4 da série.....	62
Figura 25- Osama Bin Laden e terroristas comemorando.....	64
Figura 26- Capitão afirmando que é guerra	66
Figura 27- Jovem árabe-americano é vítima de ataque.....	68
Figura 28- Capitão chega em sua nova missão.....	71
Figura 29- Primeira ilustração de Centerville.....	73
Figura 30- Easter Sunday.....	74

	6
Figura 31- Capitão busca somente se esquivar dos ataques dos garotos.....	76
Figura 32- Al-Tariq e seu protesto contra os EUA.....	78
Figura 33- Principais palavras utilizadas no primeiro discurso de George W. Bush.....	81
Figura 34- Mestre dos Terrorista discute com Capitão América.....	85
Figura 35- Capitão finaliza a séria fazendo um pedido.....	87
Figura 36- Capitão reforça seu pedido pela paz.....	88

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1: Edições Escolhidas Para Serem Analisadas.....	55
Tabela 2: Discursos Escolhidos Para a Análise.....	59

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos que gostam de História em Quadrinhos e principalmente de super-heróis e que disponibilizaram várias edições e volumes na internet para que muitos, incluindo eu, pudesse acessar, contribuindo e facilitando o meu trabalho.

Aos meus pais, que me incentivaram desde pequena e contribuíram para eu chegar nesse caminho. Em especial, à minha mãe que me serve de exemplo desde criança e é minha inspiração dentro e fora de casa. Não menos importante, ao meu pai, minha madrasta, meus irmãos e minha avó que mesmo de longe me apoiam e se preocupam comigo.

Aos meus amigos, que desde a escolha do curso me acham, talvez, um pouco maluca, mas que acompanharam com paciência, ou não, meus estresses e falas sobre RI e que neste momento, demonstram apoio a este trabalho, mesmo não entendendo muita coisa. Obrigada pela paciência desde a escola e por nossas amizades.

A Oliveira, ou simplesmente Felipe, que incrivelmente tem aguentado minha pessoa a um bom tempo e não mede esforços em dizer que o trabalho está incrível, mesmo sem ter lido uma letra dele. Obrigada por compreender meus surtos, pelo companheirismo e por me fazer rir quando quero mudar um parágrafo todo porque achei muito ruim. Você é demais!

Aos meus amigos do Wari e do Dicotomia que desde o início estão comigo. Brena, Paula, Maria, Rafa, Enio, Adler, Matheus e JP obrigada por nossos momentos. Certeza de que sem vocês a caminhada seria um pouco mais árdua e complicada. Que nosso laço continue mesmo após o término desse ciclo!

Ao professor Rodrigo, por embarcar nessa aventura comigo e por ter sido meu orientador. Agradeço pelos momentos de correção e auxílio e por levar minha ideia inusitada a este papel. Além disso, muito obrigado por apoiar o projeto Dicotomia desde seu embrião, seus conselhos e acompanhamento foram e são essenciais.

Aos demais professores do Departamento de Relações Internacionais por todos os ensinamentos e conhecimentos repassados durante a graduação. Desde os mais novos, aos que já saíram, vocês fazem o departamento e o curso serem fantásticos. Agradeço particularmente ao professor Lucas que lá no início fomentou a ideia que levaria a construção deste meu trabalho e tema. Muito obrigada por ter apoiado e incentivado naquele momento.

A todos os meus colegas de turma, com quem convivi durante todos esses anos, obrigada pelas trocas de experiências, surtos e aprendizados. Vocês também foram essenciais nesse trajeto.

Por fim, gostaria, estranhamente, de agradecer a minha pessoa. Por ter entrado nesse curso e nessa jornada que foi um pouco complexa, e também, por, em muitos momentos de dúvidas, ter ficado, continuado e finalizado esse ciclo. Chegar até aqui foi e sempre será um dos meus maiores desafios e, portanto, ver essa jornada terminar, também é uma grande vitória pessoal e profissional. Que todos os ensinamentos e experiências vividas eu possa levar para o resto da vida.

“Os autores com ferramentas teóricas de alta precisão conseguem analisar as questões éticas e do direito para pensar o comportamento do mundo, muitas vezes dicotômicos, dos super-heróis”

(Antonio Pedro Tota)

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	12
1 A POLÍTICA NAS HQS E A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	19
1.1. A POLÍTICA NAS HQs DOS SUPER-HERÓIS.....	19
1.2. BREVE HISTÓRICO DAS HQs.....	24
1.2.1. Era Dourada.....	28
1.2.2. Era de Prata.....	33
1.2.3. Era de Bronze.....	36
1.3. BREVE HISTÓRICO DA EDITORA MARVEL.....	39
2 OS ESTADOS UNIDOS E O PÓS 11 DE SETEMBRO.....	46
2.1. O EVENTO.....	46
2.2. O CONTEXTO DOS ESTADOS UNIDOS E O PRIMEIRO GOVERNO BUSH.....	49
3 O DISCURSO E SEUS REFLEXOS NOS QUADRINHOS: O CASO DO CAPITÃO AMÉRICA	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95

Introdução

O presente trabalho consiste em analisar a ilustração, a reprodução e o conteúdo das Histórias em Quadrinhos após o ataque terrorista que atingiu o World Trade Center, em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001. A famosa Torres Gêmeas foi alvo do grupo terrorista, Al-Qaeda, e veio abaixo com o impacto de dois aviões, deixando milhares de desaparecidos e mortos, e um extenso dano material e não-material. Este evento trouxe e determinou diversas mudanças para os Estados Unidos, pois estimulou respostas políticas como, por exemplo, o Patriot Act¹, a Guerra ao Terror² e significou uma virada na segurança e nas relações internacionais. Além do mais, os personagens de super-heróis da época também sofreram com o impacto deste episódio, pois testemunhar a destruição da cidade e lar de centenas de heróis causou revolta e influenciaram diversos artistas, acarretando novas edições e em novos quadrinhos para retratar o contexto, as políticas, os discursos e os sentimentos dos norte-americanos após o acontecimento de 11 de setembro.

Pela primeira vez na história, os Estados Unidos receberam um ataque de grandes proporções em seu território continental. Em ataques anteriores, inclusive de responsabilidade da Al-Qaeda, o país não chegou a receber nenhuma investida em seu território e não viam ameaças ao mesmo nessas hostilidades. Ademais, os ataques do 11 de setembro foram realizados em locais que simbolizavam o poder econômico, político e militar dos Estados Unidos, potência hegemônica durante o pós-Guerra Fria. Desta forma, a ampla cobertura das mídias, as respostas do Presidente Bush no momento e o fatídico desfecho resultaram no amplo conteúdo e nas produções de quadrinhos sobre esse acontecimento trágico.

Antes disso, o maior evento em que houve uma enorme repercussão, produção e ilustração dos quadrinhos e do entretenimento foi durante a Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, os quadrinhos representaram, por exemplo, diversas batalhas contra os nazistas e foram usados como formas de incentivos à população e às tropas que foram à guerra. E assim, de acordo com Guilherme Smess (2009 apud Filho, 2009, pág. 10) foi durante esta época histórica que ocorreu o maior número de vendas por exemplar. Em 1943, os quadrinhos

¹ Patriot Act (ou Ato Patriota em português) foi um decreto assinado por George W. Bush logo depois dos atentados de 11 de setembro.

² A Guerra ao Terror foi a resposta para os atentados terroristas de 11 de setembro e para a violência sofrida. A sua implementação busca ir atrás daqueles que organizaram e realizaram os ataques, mas também, de quaisquer grupos terroristas existentes no mundo.

vendiam 25 milhões de cópias mensais. Apenas Capitão Marvel³ era responsável por mais de 1,5 milhão. Aqui, também, podemos citar personagens como o Superman e o Capitão América que atuaram com vilões bem característicos como a Hidra⁴ e o Caveira Vermelha.⁵ O primeiro personagem foi criado no início dos anos 30 de forma a exaltar o poderio estadunidense em razão de seu porte físico (forte, alto e malhado) e carrega consigo seu patriotismo em forma de roupa já que, possui em seu traje as cores da bandeira norte-americana⁶. Além deste, o Capitão América é considerado o símbolo da luta contra o nazismo e o símbolo do cidadão voluntário ideal a qual está pronto para lutar pelo seu país de forma voluntária. Em função disso, os primeiros números foram direcionados e distribuídos aos soldados. Com a implosão da Segunda Guerra Mundial, algumas propagandas para chamadas de soldados para a guerra foram utilizadas, sendo o personagem do Capitão América uma delas. E assim como o personagem anterior, carrega consigo, também, em sua roupa e escudo a bandeira e as cores norte-americanas. Assim sendo, além dos dois quadrinhos citados, diversos outros personagens e séries foram surgindo, lidando com o acontecimento de diversas maneiras.

Subsequentemente, no pós 11 de Setembro, a editora que saiu na frente e antecedeu as publicações foi a Marvel Comics que lançou em novembro de 2001, uma edição de 64 páginas, denominada *Heroes*. Nela, diversas imagens retratam a realidade dos bombeiros e dos policiais durante o acontecido e teve como intuito, assim como outras edições e quadrinhos posteriores, arrecadar fundos para as vítimas do ocorrido. Além disso, é perceptível que os super-heróis nas

³ Mais conhecido, posteriormente, como Shazam, este herói nasceu quase ao mesmo tempo que o Superman. O pequeno Billy Batson, seu nome humano, foi criado em 1939 pela Fawcett Comics a partir da união dos poderes de vários deuses. Ao gritar um acrônimo, evoca seus poderes e se transforma no Capitão Marvel adulto. Todavia, foi muito comparado desde as vestes a poderes com o Superman e por isso, a DC Comics (antes National) entrou na justiça alegando plágio. Após longos períodos de julgamento, Fawcett mudou o nome do personagem para Shazam em 1951.

⁴ Ou também conhecida como Hydra, é uma organização terrorista que surgiu em paralelo com a história do Nazismo. Foi criada pelo ex-líder nazista Barão Wolfgang von Strucker com o objetivo de conquistar o mundo e inserir um regime ditatorial. Outro paralelo com o nazismo deriva da saudação: Heil Hidra! que veio inspirada em Hitler. Ainda, podemos mencionar aqui a Madame Hidra, a personagem de Ophelia Sarkissian, uma órfã que foi adotada pela Hydra e foi treinada pela organização, tornando-se uma das melhores lutadoras, crescendo na organização até se tornar a Madame Hidra, o cargo mais alto que uma mulher pode chegar nela.

⁵ O Caveira Vermelha apareceu pela primeira vez na Edição #5 do Capitão América e se consagrou como o principal adversário do Capitão América e a maior figura do nazismo nos quadrinhos, pois foi um alto general Nazista confiável de Hitler. Caracterizado pelo seu rosto deformado e vermelho, o personagem era mestre na propagação do terror e acabou assustando até mesmo o seu mestre, Hitler, com sua sede de crescimento.

⁶ Ao contrário do que muitos podem pensar a letra ‘S’ estampada no peito do personagem não está ligada ao “Superman”, mas ao seu significado em seu planeta natal Krypton que representa esperança e aqui podemos relacionar este significado com o seu período de criação. O Estados Unidos sofria com desemprego, fome e violência e é nesse cenário que temos um salvador alienígena da humanidade, sendo a esperança da população. Além disso, sua paleta é composta pelo vermelho e azul que evoca além da bandeira estadunidense significados trazidos na edição “*Human Colors*” do *Superman: Red and Blue # 1*”. O vermelho simboliza o amor pela humanidade e pelo planeta que o acolheu e azul, elementos vitais como a água e o sangue que corre em suas veias.

ilustrações sempre aparecem com uma grande tristeza, remorso e desconsolo, pois não tiveram como impedir que os atentados ocorressem dentro de sua nação.

Em seguida, a Marvel publicou no dia 14 de novembro de 2001 a HQ *O Espetacular Homem-Aranha #36* vol. 2 e, no Brasil, *Homem-Aranha-Em memória das vítimas do 11 de setembro*, com a capa toda preta em forma de luto pelo acontecido. Com um roteiro de J. Michael Straczynski e desenhos do John Romita esse quadrinho mostrava um Homem-Aranha paralisado e abalado. Na primeira página do quadrinho, o personagem se vê no alto do Marco Zero⁷ e se encontra sem palavras ao olhar para baixo e encontrar poeira e caos. Nas demais páginas, encontramos os personagens da Marvel junto a todos os ajudantes, trabalhando e se esforçando para resgatar as pessoas.

Além desses quadrinhos citados, uma segunda editora recebeu uma maior notoriedade com seus quadrinhos. Ela se chama Alternative Comics e é uma editora independente que lançou o quadrinho *9-11 Emergency Relief* em janeiro de 2002 e que conta com 208 páginas. Além de sua importante representação e generosa ação de doação, esta coleção de quadrinhos contou com mais de 80 artistas e com o mestre dos mestres dos quadrinhos, Will Eisner. Sua carreira é pautada nas diversas participações em quadrinhos e revistas, nas formações de diversos quadrinistas e ainda, em sua forma revolucionária em contar e retratar as histórias em quadrinhos. Ele conseguiu em sua carreira dar vida às histórias em quadrinhos a partir de diversos ângulos os quais os quadrinhos nunca tinham visto e inserindo técnicas, como a splash page⁸, comumente utilizadas até hoje e a graphic novel⁹. E a partir dessas inovações, podemos classificar as histórias em quadrinhos como a Nona Arte ou como Arte Sequencial. Posteriormente, um ano após o episódio de 11 de setembro, a Marvel sob o selo Marvel Knights buscou reformular e dar uma nova série para o Capitão América e em suas novas aventuras, a partir do volume 4 #1 desse quadrinho¹⁰ seus inimigos passaram a ser terroristas.

A escolha do elemento das histórias em quadrinhos é importante, pois desde seu início e popularização ela retratou contextos políticos e criou, produziu e divulgou produtos culturais para muitas pessoas. Ainda, os quadrinhos foram a primeira forma de arte na indústria cultural que resolveu defrontar o acontecimento. Inesperadamente, as outras formas de mídias e

⁷ O Marco Zero (em inglês: Ground Zero) é o local onde estavam as Torres Gêmeas em Nova York. Hoje, para marcar o antigo local do World Trade Center, está o Memorial 11 de Setembro em memória às vítimas dos ataques.

⁸ Página de abertura com uma cena ou um único quadro.

⁹ Para Vergueiros (2017), conceito trata-se de qualquer narrativa quadrinista em tamanho de livro ou um resumo de tais narrativas com diversos volumes de reimpressão de tiras de jornal, tornando-o duradouro.

¹⁰ Essa série no Brasil foi publicada pela revista "Marvel 2002" nas edições 9,10,11 e 12 e ainda, nas edições 3 e 4 da "Marvel 2003", anunciadas pela Editora Panini (PEDROSO, 2014)

comunicações acabaram se esquivando da abordagem do contexto dos atentados. Além do que, os quadrinhos estão normalmente associados a atividades de lazer e pouco crédito é atribuído ao seu poder implícito e sua influência. Ainda, é notável sua importância dentro de alguns temas de nosso cotidiano e do âmbito internacional. Sua grande capacidade de representar e reverberar acontecimentos, sentimentos e valores da época é um outro aspecto que vale a pena levar em consideração.

E com o Capitão América não foi diferente, pois se tornou o símbolo da cultura norte-americana, com o American Way of Life e vestindo as cores da bandeira de seu país em seu uniforme. Com o passar do tempo, os quadrinhos incorporaram inimigos da realidade como os nazistas e depois, os comunistas dando voz e imagem ao que ocorria em seus contextos e levando o Capitão América ao patamar de “super-herói nacional”, um ícone na sociedade dos Estados Unidos e mais tarde, mundial. Dessa forma, e pelo objeto se tratar de estudos recentes no meio acadêmico, é necessário buscar compreender mais e estudar suas implicações, sua formação e seu contexto para o entendimento desta pesquisa.

Os quadrinhos, na visão de Vergueiro (2017), conseguiram sua aceitação pelas elites, dificultadas por diversos fatores, principalmente por sua característica de utilização da imagem desenhada e por ser uma linguagem direcionada às massas. A invenção da imprensa, portanto, é considerado um marco para as histórias em quadrinhos, pois isso levou a arte para além dos muros dos ricos e poderosos e com isso, como pontuado por Neto (2014), no século XX, as HQs se consolidaram como um meio de comunicação de massa, atingindo diversas classes sociais no mundo. Por conseguinte, na visão de Neto (2014), esta nova perspectiva agregou um novo significado às Histórias em Quadrinhos, pois passaram a se apresentar como revelação cultural, dividindo espaço com outras formas de artes como o cinema, as artes plásticas e as demais.

Ademais, com a ocorrência da globalização¹¹ e da mundialização¹² podemos identificar movimentos, acontecimentos e notícias que ultrapassam as nações e fronteiras e que criam relações com a cultura e com a economia. Assim, os meios de comunicação e as mídias advindas com esse processo agem como formuladores e disseminadores de valores, ideias e conceitos.

¹¹ Trata-se de um processo de expansão econômica, política e cultural para nível mundial sendo assim, antigos paradigmas e barreiras redefinem-se e os movimentos e processos passam a transcender as fronteiras do Estado. Seu início remete ao período das Grandes Navegações, momento em que as trocas comerciais se intensificaram, mas passa a ser conceituado e utilizado na década de 80. Vale destacar que junto com a globalização também passamos por uma revolução nas telecomunicações que alavancou as trocas de informações no mundo.

¹² Com a intensificação do processo de globalização, a mundialização é vista como parte dele, só que focado no âmbito cultural e nos modos de vida. Dessa forma, o conceito se refere a forma de absorção e assimilação da população aos hábitos, valores e costumes de diversos lugares do mundo.

Além dos jornais e das revistas, os quadrinhos também atuam como uma ferramenta útil e potente para isso. Este gênero além de abordar situações cotidianas e ensinar crianças bons valores, trata também temas e termos do cenário das Relações Internacionais. De fato, podemos falar que este possui um poder de manipulação grandioso apesar de ser tácito e coercitivo. Para lidar com outras possibilidades de poder, Joseph Nye, cientista político, conceituou primeiramente o Soft Power¹³.

Além disso, corroborando com a importância das ideias e para incrementar o estudo podemos elencar a abordagem construtivista. Ela se desenvolveu no final da década de 80 e nasceu em meio ao debate do lugar das ideias e valores dentro da análise dos acontecimentos sociais das Relações Internacionais. Dessa forma, busca entender o modo a qual o mundo material forma, e é formado pela ação e interação humana e como as interpretações humanas dependem das interpretações normativas assim como colocado por Adler (1999). Na prática, quando nos referimos a uma “abordagem construtivista” das Relações Internacionais temos que ter em mente que ela engloba várias visões e enfoques diferentes, podendo ser pensado como um modelo de raciocínio com diversas versões, assim como salienta Barbosa (2010).

Ainda assim, nesta abordagem a premissa básica é que o mundo é socialmente construído, isto é, não é determinado externamente, mas construído através das interações dos seus agentes. Nessa linha de pensamento, devemos entender que os princípios, os valores e as normas são como produtos históricos e como construções sociais e têm um papel crucial na constituição da realidade. Destaca-se aqui o processo contínuo de duas vias que a teoria propõe em que os atores constroem a sociedade da mesma forma que ela os constrói. Assim, os indivíduos, chamados de “agentes”, tem a habilidade de modificar o mundo a sua volta de maneira que os espaços e os sujeitos são definidores e caracterizadores um dos outros (HOFF, 2017).

Por conseguinte, nos permite explorar a relação entre as ideias, o papel da cultura e o poder suave dos quadrinhos e como estes incorporaram o zeitgeist¹⁴ e criaram valores e mentalidades em seus leitores da época. Neste cenário, podemos citar o crescente preconceito

¹³ Diferentemente do tradicional poder coercitivo militar Hard Power (poder duro), o Soft Power (poder suave) atua e se expressa por meio de atores que não possuem legitimidade do uso da força e é caracterizado por componentes como a cultura e a mídia. Para o autor, “o poder duro pode repousar em um incentivo (a cenoura) ou em ameaças (o chicote) e o poder brando é fazer com que os outros queiram o que você quer” (NYE, 2009). Isto é, através de uma influência indireta é possível modelar os desejos dos outros com a força e atratividade das ideias.

¹⁴ É um termo alemão que significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. Isto é, é um termo que abrange as características de um determinado tempo.

e sentimento antiterrorista dos leitores e do público em relação à população do Oriente Médio, sentimento este retratado no quadrinho vol.4 #1, pág. 19¹⁵ do Capitão América. Nesta cena, um cidadão tenta esfaquear um jovem árabe-americano o acusando de ter matado sua “Jenny”, contudo, o ataque é impedido pelo escudo do Capitão América.

Assim, procuraremos identificar e demonstrar elementos do contexto histórico do pós 11 de setembro nas representações dos Comics do Capitão América, em específico o vol. 4 #1 até #6 e nos discursos de Bush após os atentados, utilizando-se da metodologia da análise conteúdo para uma abordagem sólida. O recorte temporal escolhido, partindo desde o acontecimento em 2001 até meados de 2003, é bem pertinente e significativo em razão do período de produção e lançamento dos quadrinhos e pelas ações, respostas e discursos do presidente George W. Bush e ao tema selecionado. Além disso, temos o fator importância do evento em virtude da grandiosidade das vítimas fatais e sobretudo, das mudanças na postura e nas políticas do governo da época e dos posteriores. Por isso, identificamos o reflexo deste fato em diversos âmbitos, como a literatura, o cinema e, principalmente, nos quadrinhos, revelando sua notoriedade e magnitude na realidade, como também no campo das Relações Internacionais. À vista disso, é necessário averiguar como os contextos históricos, os valores e os eventos interferem nas criações, produções e divulgações dos quadrinhos pós 11 de setembro do Capitão América.

Para tal, este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, será abordado a relação entre os quadrinhos e a política, expondo como as duas frentes interagem entre si. Posteriormente, será explorado como a política foi incorporada nos quadrinhos, demonstrando exemplos e análises sobre esta relação, e a história e o desenvolvimento dos quadrinhos desde seus primórdios até personagens mais conhecidos atualmente.

No segundo capítulo, será abordado e detalhado os atentados do 11 de setembro, explanando os acontecimentos, os desdobramentos e as consequências do ocorrido. Além disso, no próximo subcapítulo olhamos um pouco para o contexto político dos Estados Unidos, expondo o primeiro mandato do Governo Bush, apresentando as políticas traçadas após os acontecimentos do 11 de setembro. Por fim, no terceiro capítulo, trataremos de analisar os quadrinhos escolhidos traçando a relação entre o contexto político elencado e os elementos discursivos e visuais dos quadrinhos selecionados. Além disso, apresentamos os discursos feitos

¹⁵ Nesta cena, o Capitão América encontra um jovem de origem árabe-americano e o aconselha a não sair sozinho naquele horário nas ruas e ele replica informando-o que ele mora ali e que se chama Samir e não Osama. Logo depois, o jovem é atacado por um homem que o acusa de ter matado “Jenny”, mas é impedido de algo maior pelo Capitão que o contém, o adverte e o aconselha a ser forte para que o “inimigo não vença”.

pelo Presidente Bush durante seu primeiro mandato para complementar a análise do evento e realizar paralelos com as edições escolhidas. Ainda, será apresentado e caracterizado o arco anterior ao vol. 4 dos quadrinhos do Capitão América para entender a progressão e mudança de discurso dentro dos quadrinhos.

1 A POLÍTICAS NAS HQS E A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Todas as artes propagam, de acordo com seus formatos e modelos, uma mensagem e códigos que são absorvidos e entendidos pelas pessoas. Nos quadrinhos, não é diferente. As histórias em quadrinhos unem as funções visuais e textuais de forma a transmitir suas mensagens e estas, são associadas aos seus contextos de criação. Com isso, dentro de suas páginas muitas vezes observamos o âmbito político conectado à história dos diversos personagens que encontramos atualmente.

Mais do que uma simples história cômica ou de aventura, os quadrinhos trazem dentro de suas obras uma ligação inseparável com a política. Quando olhamos para seus primórdios e criação essa ligação pode ser observada e ainda com a era dos super-heróis essa conexão é ainda mais perceptível. Mesmo que possam ter o olhar de entretenimento, as histórias em quadrinhos apresentam as críticas feitas pelos seus autores e produtores. É só olhar mais um pouco a fundo e ter uma consciência política que encontramos as condições sociais, históricas, políticas e culturais de um dado contexto e época.

Desta forma, este capítulo apresenta a relação entre a política e os quadrinhos de forma mais detalhada, definindo o conceito de política e como podemos observar isso nas mensagens passadas pelas HQs, exemplificando as influências que o contexto político teve no histórico dos quadrinhos. Mais à frente, exploramos uma das formas de divisão da história das HQs, lançando um panorama histórico para as eras e seus respectivos personagens. E por último, como o artigo busca analisar os quadrinhos do Capitão América, o último subtítulo fala sobre a trajetória da Marvel, caminhando desde o seu início até sua concretização de marca e sucessos de bilheteria.

1.1. A POLÍTICA NAS HQ'S DOS SUPER-HERÓIS:

Apesar de uma relação complexa, a política se manifesta dentro do espaço dos quadrinhos por conseguinte, estes repassam valores, ideias e mensagens políticas em suas páginas. Estes dois possuem uma relação mútua onde as lutas políticas e os acontecimentos atuam sobre os quadrinhos e os quadrinhos, também, influenciam no âmbito político e em suas lutas.

Para tratar dessa relação, é importante caracterizar o termo. O conceito política progride desde sua criação e tem diversas faces e versões. A mais tradicional e geral é aquela definida por Aristóteles em que ele conceitua política como a vida comunitária na pólis. Todavia, ela

não cabe mais no nosso contexto. Segundo Viana (2011), a definição mais ampla e que foi utilizada em seu artigo para dar base foi a de Marx em que a política é toda forma de manifestação da luta de classes.

Assim, para pensar e explicar a relação da política e dos quadrinhos, Viana (2011) divide seu pensamento em três aspectos: política como esfera estatal e especializada das relações sociais; a política como manifestação das lutas de classes; a política como pensamento político. No primeiro entendimento, as concepções de Estado podem ser retratadas através de percepções e atribuições as quais este universo ficcional realiza. Para melhor entendimento, o autor dá como exemplo “V” de Vingança onde o Estado é retratado como totalitário e autoritário, simbolizando os aspectos do nazismo e do governo neoliberal de Thatcher¹⁶. No segundo aspecto, é possível identificar as manifestações da luta de classes nos quadrinhos, exprimindo movimentos de esquerda, conciliação de classes, revoluções e diversos outros momentos. Por fim, e mais importante para o entendimento do estudo, os quadrinhos transmitem mensagens políticas.

Desde suas origens, os quadrinhos possuem o poder de repassar as mensagens e ideias políticas. Tradicionalmente, os quadrinhos, principalmente em períodos eleitorais, realizavam propagandas eleitorais para candidatos e partidos. Ainda, havia quadrinhos que eram criados especialmente para este fim. Avançando no tempo, podemos perceber que estes cenários, especificamente, são mais visíveis nos quadrinhos de super-heróis, por exemplo, no Capitão América com sua propaganda antinazista, contra o Japão e contra o comunismo. No caso do símbolo americano estas ideologias apareceram tanto de forma explícita, como em sua primeira capa, como de forma implícita, em suas roupas, falas e imagens.

A título de exemplificação, nos anos 30, os Estados Unidos estavam passando por um período perturbado, principalmente por ainda estar sentindo os efeitos da quebra da bolsa, contudo, antes mesmo disso, em 1920 tivemos a aprovação da Lei Seca na qual proibia a produção e o consumo de bebidas alcoólicas. Essa medida, porém, só fez aumentar a violência nas ruas e deu gás para a criação das gangues e altos índices de crimes e é exatamente nesse cenário que o Batman nasce. Ele surge para aterrorizar os criminosos e proteger as ruas e essa

¹⁶ Margaret Thatcher foi conhecida como a primeira mulher a ocupar o cargo de primeira-ministra na Europa. Totalizou 11 anos ocupantes no cargo, e se consagrou como a ocupante mais longa desde 1827, iniciando em 1979 até 1990. Thatcher também é conhecida como Dama de Ferro, apelidado dado em razão de seu estilo forte de governar e pelas diversas alterações políticas e econômicas no Reino Unido.

sua ação podemos relacionar, também, com os princípios do New Deal¹⁷, implantados por Franklin Roosevelt, que queria instituir uma política de Welfare State¹⁸. Criando um espaço sem criminalidade e com a promoção de proteção aos cidadãos, garantindo o bem-estar, seguridade social e serviços públicos.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo presenciou a explosão de duas bombas atômicas, a de Hiroshima e Nagasaki, e este evento marcou tanto o mundo real quanto o mundo dos quadrinhos. A partir deste evento, tivemos a corrida espacial e o desenvolvimentos de novas tecnologias e de produções que transmitiam o sentimento de ansiedade pelo momento da Era Atômica. O incrível Hulk é um desses exemplos, pois o herói é criado a partir de um experimento que deu errado ao tentar construir a bomba gama. A experiência foi interrompida por um espião comunista e acaba por detonar e impactar o cientista Bruce Banner que começa, momentos depois, a se transformar em uma figura grande, alta, forte e inicialmente, cinza com uma personalidade destoante do cientista. Além deste personagem, podemos também citar o Quarteto Fantástico que foram expostos a raios cósmicos durante uma viagem espacial, ressoando os acontecimentos e ações dos países em seu contexto.

Depois com a ruptura da Guerra do Vietnã, que ocorreu após tensões do Vietnã do Norte, apoiado pela URSS, e o Vietnã do Sul, apoiados pelos EUA. Nessa época, os Estados Unidos alimentavam o conflito com armamentos e soldados. E é nesse contexto que entra o bilionário industrialista Tony Stark que vai inspecionar no Vietnã do Norte um armamento projetado por sua fábrica quando acaba entrando em uma situação de ameaça ao sofrer um acidente e alojar estilhaços em seu peito e acaba sendo aprisionado pelos vietnamitas. Como moeda de troca para sua saída e liberdade, ele é forçado a criar uma arma para eles e assim nasce o Homem de Ferro. Desde sua criação, Stan Lee, seu criador, pensou nele como um espelho de seu momento, sendo então um personagem capitalista, fabricante de armas e com inimigos que se vinculam a divisão entre o bloco capitalista e socialista carregando um alto teor político e ideológico. Exemplo disto é o Mandarim, o Dínamo Escarlata, o Bárbaro Vermelho e entre outros adversários deste personagem.

¹⁷ Foi um plano imposto pelo Presidente Franklin Delano Roosevelt para recuperar a economia dos Estados Unidos da Grande Depressão. Este plano foi influenciado pelas teorias de John Maynard Keynes que afirmava que para alcançar o bem-estar de sua população era necessário que o Estado interviesse na mediação econômica.

¹⁸ Foram políticas sociais adotadas pelo Estado para a promoção de serviços públicos básicos para a população norte-americana. Em português é traduzido para Estado de Bem-Estar Social.

Por fim, outro personagem condizente com seu período é o Pantera Negra¹⁹, pois traz consigo o nome de um importante movimento negro dos EUA que lutava por direitos civis. Até a década de 1960, os Estados Unidos possuíam um ambiente bem conflitante para os negros e afro-americanos, pois era marcado por violências e discriminações raciais. Por este motivo, o movimento dos direitos civis foi bem marcante na sociedade durante essa década e trouxe consigo o herói negro para combater membros da Klu Klux Klan²⁰ e mercenários racistas. Somente na metade da década de 1960 foi promulgada uma Lei de Direitos Civis que extinguiu as leis de segregação racial adotadas anteriormente por entes federativos. Após a criação deste personagem, a Marvel buscou inserir outros personagens negros em seu repertório e dessa vez representados pelos cidadãos norte-americanos, como é o caso de Luke Cage. Lançado em 1972, Cage é um ex-presidiário que ficou aprisionado por um crime que não cometeu. Após passar por um experimento científico, ganhou poderes e passou a cobrar pelos seus serviços “braçais”.

Logo, é perceptível que a política nos quadrinhos acaba afetando e determinando tanto na esfera da produção quanto nas demais fases de seu processo. Nos quadrinhos acima citados podemos verificar tanto os valores como conceitos ligados a partir do momento a qual os quadrinhos e personagem foi escrito e produzido. Entretanto, como assinala Viana (2011), o Estado influencia mais profundamente na produção dos quadrinhos a partir, por exemplo, de censura. A criação do Comics Code, estabelecida pela Comics Magazine Association of America, foi uma das censuras, imposta por uma comissão no senado norte-americano, criada com o objetivo de "preservar a infância e juventude de contato com histórias de horror, de apelo sexual, crimes, vícios, adultério e afins" (SANTIAGO, 2020) e impunha a necessidade do selo de aprovação para que as HQs pudessem ser publicadas. O selo, apresentado na Figura 1, persistiu até o século XXI, momento no qual a maioria das editoras cessou a utilização do código.

¹⁹ Pantera Negra foi um partido político dos Estados Unidos que surgiu em prol da comunidade afro-americana. Originou-se durante a década de 60 e inicialmente tinha o objetivo de combater a violência policial contra os negros.

²⁰ A KKK ou Klu Klux Klan foi uma organização criada com fins de promover atos de violência contra negros, judeus, católicos etc. Surgiu no Estado do Tennessee, após a Guerra de Secessão e começou como uma organização secreta com cidadãos da comunidade local até se tornar um grupo extremamente violento e supremacista.

Figura 1- Selo de Aprovação do Comics Code



Fonte: Museu da Imagem e do Som (2019).

Em outros termos, esse código colocou diversas restrições aos editores, séries e personagens dos quadrinhos, pois os forçava a criar e produzir quadrinhos mais “amenos” e mais "saudáveis", controlando assim os conteúdos que eram consumidos pelos telespectadores, principalmente pelo público infantil. Em outros países como França e Brasil, foram criadas também leis que seguiram esse exemplo. Logo depois, irrompeu em abundância a produção e a distribuição de editoras independentes e obras de caráter underground²¹ com poucos volumes e personagens como o Motoqueiro Fantasma, Wolverine e Justiceiro²².

Por outro lado, o Estado possui uma outra forma de influenciar os quadrinhos: os produzindo, financiando ou publicando. Neste caso, normalmente, lugares com regime mais

²¹ Dado toda a conjuntura de autocensura da época com a regulamentação do código, muitos artistas revidaram e em meio a movimentos contraculturais criaram e produziram histórias que iam de encontro com todos os valores e censura operados pelo Comic Code Authority. Essa reação ficou conhecida como o movimento underground dos quadrinhos e teve seu apogeu entre as décadas de 60 e 70. Dessa forma, as histórias que começaram a ser produzidas eram focadas no público adulto e contavam histórias de diversos personagens e super-heróis falhos, com vícios, cheios de tabu e violentos, oposto daquilo que o código atestava.

²² Esses exemplos citados são considerados underground em razão das histórias de criação de seus personagens. O primeiro origina-se através de um momento de medo e fraqueza que motivado pela sede de salvar seu pai adotivo que havia desenvolvido câncer, procurou realizar um feitiço em busca de um acordo com um demônio. Com isso, o demônio curaria Crash, seu pai adotivo, mas Johnny- seu nome humano- passaria a servi-lo. Já o segundo, Logan como é conhecido, foi criado a partir de um recrutamento para um projeto e experimentos especiais com um metal indestrutível e desde então tornou-se Wolverine. Seu personagem é marcado pela cabeça quente e seu modo violento de lidar com as coisas. Por fim, o último personagem, Frank Castle, é considerado um dos personagens mais perigosos dos quadrinhos da Marvel. Sua criação advém do fatídico dia em que perdeu sua família, sua mulher e seus dois filhos e como único sobrevivente, resolveu realizar justiça com as próprias mãos. Com sua característica camisa com uma grande caveira branca, ele passou a procurar por todos os culpados pela morte de sua família e pelos criminosos imunes pelo mundo, sempre exalando brutalidade e falta de misericórdia.

específico como o regime de capitalismo estatal utilizavam essa prática. Viana (2011) em seu artigo pontua o caso da Itália Fascista, da França e da Espanha, em momentos de guerra e o brasileiro que lançou “A Revolução Constitucionalista de 1932 em Quadrinhos”²³. Até Mao Tse-Tung, o líder chinês, empregou as HQs para divulgar e fortalecer suas iniciativas governamentais de educação (VERGUEIRO, 2009).

Por último, a relação entre política e os quadrinhos podem ser detectadas através dos usos políticos destes. É fato que as HQ 's manifestam mensagens políticas em seus quadros, mas em contextos mais específicos isso ocorre de forma explícita e demasiada como nos quadrinhos da Segunda Guerra Mundial que trouxe e colocou heróis como soldados e como armas propagadoras dos valores e das concepções políticas do país. Um grande exemplo é o personagem escolhido para ser analisado: o Capitão América. Além de lutar contra nazistas e japoneses, leva consigo a bandeira dos Estados Unidos em seu uniforme. De fato, percebe-se que os super-heróis, principalmente os norte-americanos, têm o papel de representantes de seus países e suas políticas. Sendo assim, é perceptível que não existem quadrinhos inocentes e que não há leituras inocentes e que assim como em outras artes, é irreal os quadrinhos não terem uma relação com a política.

1.2. BREVE HISTÓRICO DAS HQs:

O histórico das Histórias em Quadrinhos é extenso, vasto e com imprecisões em relação a sua origem. Trazendo a visão de Álvaro de Moya (1993), ele identifica que o artista suíço Rudolph Topffer foi um dos maiores ilustradores do mundo e um dos precursores da história em imagens. Em 1827, Topffer criou o primeiro romance, *Les Amours de Monsieur Vieux Bois* (Figura 2). No Brasil, a obra foi publicada em 1860 com o nome de “Os amores do senhor Jacarandá”. Tendo seu trabalho elogiado até mesmo pelo Goethe, Rudolph produziu trabalhos que na concepção de Moya possuem um “ritmo sôfrego, mecânico e impiedoso, que reduz os personagens a nada mais que bonecos na vida cotidiana diante dos problemas comuns” (1993, p.13).

²³ O Governo de São Paulo produziu e lançou em 2009 estes quadrinhos para contar sobre o dia 9 de julho de 1932. Nesta data, teve início a Revolução Constitucionalista de 1932, momento importante, pois foi o maior conflito civil brasileiro do século XX. Nesta adaptação, a história é contada de uma criança para outra.

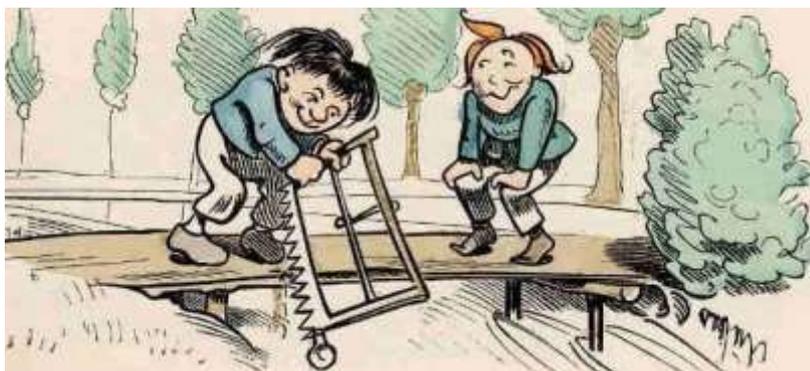
FIGURA 2- *Les Amours Monsieur Vieux Bois*



Fonte: Entre Textos e Leituras (2020).

Juntamente com o suíço Topffer, o francês Christophe e Busch, Moya (1993) agrupa a tríade de precursores dos quadrinhos. Em especial Busch, pois trazia em seus desenhos o senso de humor, técnicas e habilidades que seria posteriormente conhecida como o maior sucesso dos meios de comunicação: os comics. Sua obra precursora da modernidade foi *Max und Moritz* (Figura 3) em que mostravam a história de duas crianças e suas aventuras, e uma crítica feroz à burguesinha da época. No Brasil, a história foi traduzida por Olavo de Bilac, em um de seus pseudônimos, e ganhou o nome de “Juca e Chico: a história de dois meninos em sete travessuras”.

FIGURA 3- MAX UND MORITZ



Fonte: Estúdio Nanquim (1865)

Por outro cenário, há autores que indicam a origem dos quadrinhos com as pinturas rupestres, no período da pré-história, ou no Egito Antigo, ou somente a partir da invenção da imprensa e massificação durante o contexto da Revolução Francesa.

Em seguida, outro momento importante e decisivo para as histórias em quadrinhos advém da invenção da prensa mecânica de Gutenberg no final do século XV. Com ela, seria possível a massificação da produção literária. Todavia, nesse contexto, apesar da potencialidade da alta produção, o número de pessoas alfabetizadas era ínfimo e uma condição particular dos nobres e ricos, o que impediu a expansão imediata das produções.

Seguindo a linha de pensamento de Álvaro, posteriormente, em 1895, temos o primeiro personagem fixo semanal, dando início ao que viria a ser as histórias em quadrinhos e ao termo jornalismo amarelo ²⁴. O artista Richard Fenton desenhou então quadros que viriam a ser chamados de Yellow Kid (Figura 4) por causa de seu camisolão amarelo e tornou-se assim, a primeira tira de quadrinhos da história e uma das primeiras a ser impressa a cor. Ainda, pesquisadores afirmam que o uso de balões para narrativas foi usado pela primeira vez nestes quadrinhos, estabelecendo um diálogo mais claro. A técnica ficou tão importante que é utilizada até os dias de hoje. Mais adiante, em razão das influências das charges políticas do momento, esse camisolão iria se tornar um espaço de mensagens e críticas do momento.

FIGURA 4- THE YELLOW KID



Fonte: Atlas Obscura (2016)

²⁴ A expressão “yellow press” surgiu com a concorrência entre os jornais New York World e The New York Journal no final do século XIX. Isso ocorreu porque os dois estavam disputando quem conseguiria publicar a primeira tira de quadrinhos da história.

Para os estudiosos como McCloud, Moya e Roman Gubern, histórias em quadrinhos “modernas” teve seu primeiro trabalho com *Little Nemo in Slumberland*. Foi um dos primeiros trabalhos que explorou as possibilidades infinitas das linguagens dos quadrinhos. Ela conta a história de um menino que sonhava toda noite com um mundo fantasioso e sempre acordava do sonho caindo da cama e foi criada por Winsor McCay em 1905. Seu trabalho foi tão emocionante e fascinante que foi transformado em um desenho animado de longa-metragem.

Já em relação às histórias de quadrinhos dos super-heróis, seu aparecimento decorre dos comics, ou gibis de Histórias em Quadrinhos. Apesar de ter seu início, como citado anteriormente, na Europa entre o século XVIII e XIX, seu maior propulsor e local de desenvolvimento foi nos Estados Unidos, a partir dos anos 30 e nele encontrou seu lugar na cultura norte-americana. Isso porque, como mencionado anteriormente, estes cadernos têm o poder de representar os sentimentos, os valores, a cultura e ideias de nacionalidade e liberdade. Dessa forma, antes da chegada dos super-heróis os quadrinhos tinham como foco o humor e tinham personagens que seriam considerados um exemplo de cidadão estadunidense como o Popeye.

A trajetória dos super-heróis tem início com o lançamento de dois quadrinhos: Buck Rogers e Tarzan. Estas duas aventuras, juntamente com o acontecimento recente do Crack da Bolsa, se tornaram soberanas e podem ser consideradas como inauguradoras da Era Dourada dos Quadrinhos na década de 30, como argumentou Moya (1993). Com a crise de 29, as mudanças ocorridas do evento serão importantes para o entendimento e surgimento dos super-heróis. A história dos quadrinhos dos super-heróis foi dividida em 3 momentos: a Era Dourada ou de Ouro, a Era de Prata e a Era de Bronze. A primeira parte do surgimento do gênero lá na década de 30 e dura até o final da Segunda Guerra Mundial, trazendo tópicos como a guerra e o patriotismo. A segunda era se dá em função de representar o pós-guerra e a Guerra Fria retratando a corrida espacial e atômica. Por fim, a Era do Bronze parte dos anos 70 ilustrando temas mais violentos, sociais e políticos, reverberando algumas indagações populares e estendendo até meados da década de 80. Ainda, há autores que acrescentam a Era Moderna que vem desde a década de 80 até atualmente e simboliza a reestruturação dos personagens para o contexto atual e para o cinema (SILVA, 2014).

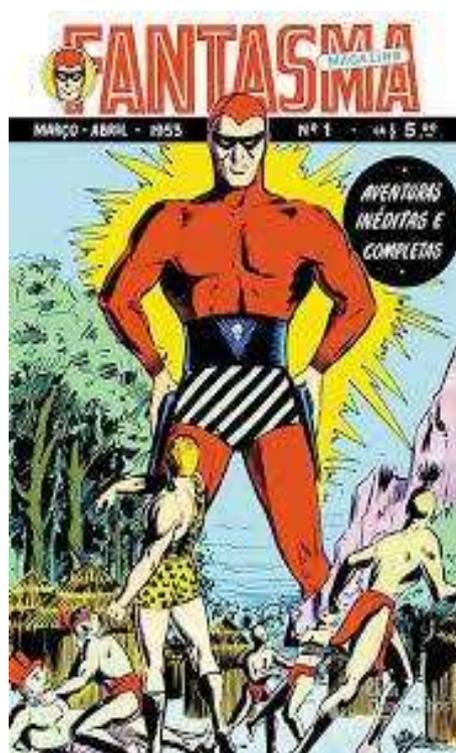
Essa divisão e periodicidade decorre da mitologia greco-romana que separava cada época da história em metal. O período em que os Titãs reinaram foi chamado de Era de Ouro, a que os Deuses de Olimpo estavam no poder foi a Era de Prata e por último, aquela em que os

homens passaram a viver na Terra foi chamada de Era de Bronze. Seguindo esta lógica, os quadrinhos passaram a ser divididos dessa forma para agrupar as produções com características similares.

1.2.1. Era Dourada:

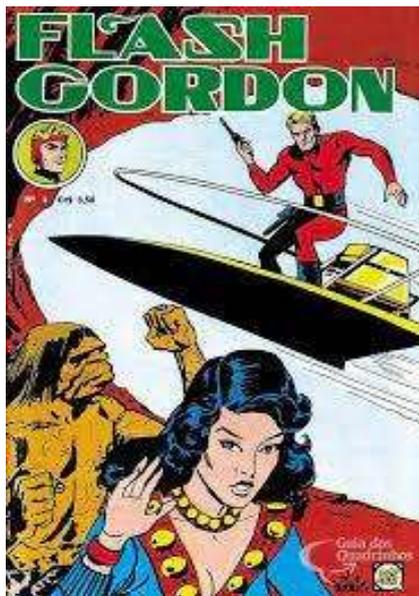
Antes dos quadrinhos com temática de super-heróis, há autores que identificam uma era precursora: a Era de Platina ou Original. Nesta, diferente da Era Dourada, não havia personagens com capas, poderes ou superpoderes. E assim, encontramos os personagens e as histórias que foram originárias das tiras de jornais com um conteúdo mais policial, dramático e criminal como o Fantasma (Figura 5) e Flash Gordon (Figura 6).

Figura 5- Primeira Capa de O Fantasma



Fonte: Guia dos Quadrinhos (1936)

Figura 6- Segunda Aparição de Flash Gordon



Fonte: Guia dos Quadrinhos (1975)

E apesar de não construir a mesma popularidade que seus sucessores, o Fantasma criou e lançou tendências como a do traje colante e máscara. Foi criado em 1936 por Lee Falk, o mesmo roteirista de Mandrake²⁵ e tinha diversos apelidos como o homem que nunca morre, o espírito que anda e dentre outros. Já Flash Gordon estreou em 1934 e conta a história de um jovem atleta de Yale que é obrigado a embarcar para o planeta Mongo para salvar a Terra de ser destruída com a colisão com este planeta. Destaca-se aqui a qualidade plástica e expressiva do traço deste quadrinho. Segundo Edgar Franco (2013) essa obra envolvia também a criação de um universo de ficção científica, com cosmologia, geografia, mitologia e culturas particulares. No entanto, estes quadrinhos ficaram mais esquecidos e a tendência mudou após 1938.

Inaugurando o gênero dos super-heróis, a Era Dourada tem como pioneiro e fundador o Superman. Pensado e produzido por Jerry Siegel e Joe Shuster, sua primeira exibição aconteceu em 1938 nas páginas da Action Comics.²⁶ Em sua história, o Superman é de outro planeta conhecido como Krypton e foi enviado por seu pai Jor-El ao descobrir que o planeta seria destruído. Conhecido como Kal-El, seu nome kryptoniano, ao chegar na Terra, mais

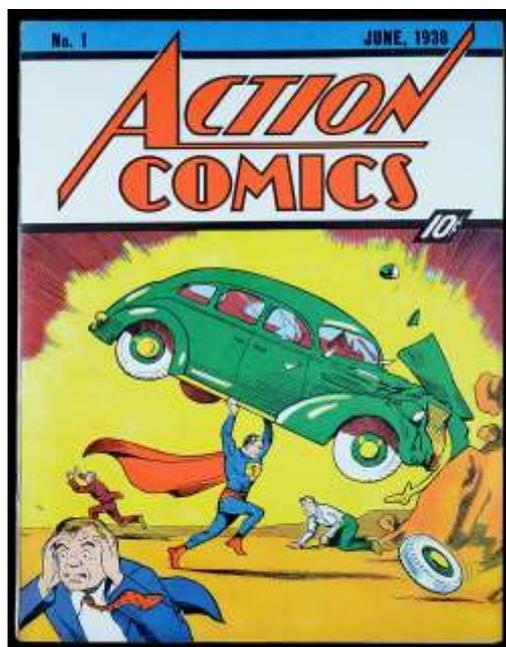
²⁵ Sua primeira aparição ocorreu em 1934 nos jornais norte-americanos. Este personagem é um ilusionista que detém a técnica de hipnose instantânea e foi baseado em Leon Mandrake, um famoso mágico dos anos 20.

²⁶ É a segunda série mais longa dos quadrinhos produzida pela DC Comics. Tem origem em 1938 com a publicação do Superman e persiste até atualmente. Foi o berço de personagens como Supergirl, Lex Luthor, Aquaman e entre outros. Posteriormente, seria conhecida como DC Comics.

precisamente no Kansas, foi batizado como Clark Kent ao ser adotado por um casal. Desde criança, era perceptível que Clark era dono de superpoderes inimagináveis e além da capacidade humana.

Entretanto, apesar de sabermos que o Superman se consagrou como sucesso e como o primeiro super-herói a ter uma revista sozinho, 4 anos antes de seu lançamento, os dois criadores enviaram o projeto para diversas editoras e receberam diversos “nãos”, pois a história era uma anomalia em comparação com o que era produzido no momento. Os personagens principais de sucesso no momento eram cowboys, detetives e histórias de ficção científica. Todavia, para a alegria dos escritores e posteriormente, dos fãs desse quadrinho, Superman é lançada na Action Comics #1 (Figura 7).

FIGURA 7- Primeira Capa dos Quadrinhos do Superman



Fonte: Terraverso (1938)

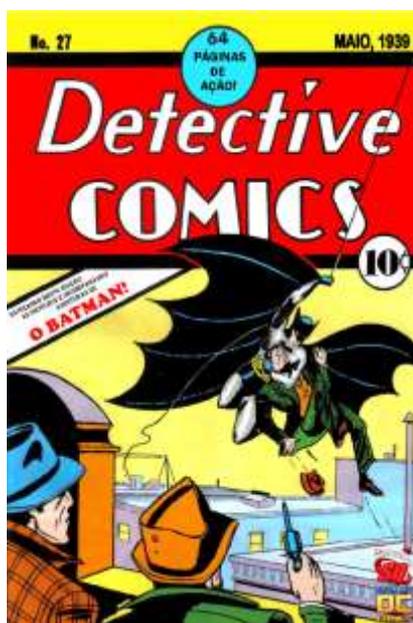
Com o início da Segunda Guerra Mundial, este personagem fez mais sucesso ainda e serviu como incentivo para os sucessos dos quadrinhos dos super-heróis subsequentes, pois serviu como válvula de escape para os acontecimentos e desafios enfrentados. Mas também, pela sua representação do patriotismo durante esse período carregando consigo as cores da bandeira dos Estados Unidos em sua roupa e incorpora em seu corpo o poderio estadunidense com o seu físico forte e malhado, e os ideais de salvador da humanidade e defensor da justiça

social a qual lutava contra corrupção do governo e violência doméstica (Origem Secreta, 2010). A popularidade do Superman foi tão excepcional que em 3 edições de seus quadrinhos já haviam sido vendidas 1 milhão de gibis (SILVA, 2014).

Assim, como nas palavras de Jerry Siegel: “o nazismo estava crescendo, muitos inocentes estavam morrendo. Países eram invadidos e pessoas inocentes eram mortas. E eu achava que o mundo precisava de um defensor, mesmo que um de ficção” (Origem Secreta, 2010). Logo, os quadrinhos do Superman surgiram como uma forma de representar a realidade da sociedade, principalmente nas dos imigrantes e para salvar os inocentes e estabelecer a paz. Assim, diversos outros quadrinhos surgiram a partir do Superman e muitos deles foram importantes peças para a ilustração dos inimigos da Segunda Guerra Mundial, portanto, utilizados pelo governo como propagandas.

Na Era Dourada vale a pena citar também a produção do quadrinho de Batman. Apesar de ter sido lançado neste período, não recebeu tanta atenção e olhares do público e até mesmo outros autores não o consideram dessa Era. Isso porque diferente de Clark e Superman, este personagem não possui poderes e forças sobre-humanas. Na verdade, ele utiliza a tecnologia, sua força bruta e pessoas confiáveis ao seu redor. O personagem foi criado em 1939, logo atrás do Superman, por Bob Kane e Bill Finger e lançado na revista Detective Comics #27 (Figura 8).

FIGURA 8- Primeira Capa do Batman



Fonte: Docero (2018)

A revista *Detective Comics* é a revista contínua mais longa que publica diversos personagens até os dias de hoje. Seu sucesso foi tanto que as iniciais desta revista viraram o nome da editora DC Comics²⁷, anteriormente chamada de National Comics.

De maneira oposta ao Superman, o Batman não tinha como inimigos personagens e figuras do nazismo e japoneses, mas sim tinha foco na criminalidade da sua cidade, Gotham, se caracterizando como um vigilante. Ainda assim, retrata o contexto de sua época com a retratação do alto índice de criminalidade e de violência devido à crise econômica experienciada pelos norte-americanos.

Logo após, com a crescente demanda por mais quadrinhos de super-heróis que pudessem confrontar com os que foram lançados, inúmeros personagens foram criados nessa época. Alguns deles são: Capitão Marvel (hoje conhecido como Shazam), Flash²⁸, Lanterna Verde²⁹, Mulher Maravilha e entre outros. Ainda, para amenizar algumas histórias começaram a surgir os famosos ajudantes, como o Robin, braço direito do Batman e Buck, parceiro do Capitão América.

Com a Segunda Guerra Mundial se intensificando, o Capitão América surge trazendo o modelo de herói patriota. Como citado, sua primeira aparição mostra o herói esmurrando Hitler e foi consagrado como o primeiro personagem a estreiar em sua própria revista. A partir dele, até mesmo heróis antecedentes à guerra acabaram se tornando patrióticos para atender as demandas do mercado, como foi o caso do Superman.

Antes de tornar-se o Capitão América, Steve Rogers, nome do seu personagem, era um jovem magro e franzino que tinha o sonho de um dia entrar no Exército e servi-lo. Contudo, por conta de seu físico ele não era uma boa escolha, mas foi chamado a participar de um

²⁷ A DC Comics é uma das empresas concorrentes da Marvel e uma das subsidiárias da Warner. Em seu portfólio ela possui diversos personagens famosos como o Superman, o Batman, a Mulher Maravilha, o Flash, Jovens Titãs e outros. Como mencionado antes e assim como a Marvel, não possuía esse nome em seu primórdio. Ela foi conhecida como National Allied Publication e teve origem em 1934, fundada pelo Major Malcolm Wheeler-Nicholson. Além dela, Major criou mais duas editoras, a *Detective Comics* e *New Comics*, que no fim acabaram se fundindo. Ao longo dos anos, esse comportamento de comprar e fundir editores trouxe um leque diverso de produções, dominando atualmente cerca de 20% do mercado dos quadrinhos nos Estados Unidos.

²⁸ Jay Garrick foi o primeiro Flash e foi criado por Gardner Fox e Harry Lampert na década de 40. Jay era um estudante e trabalhava num laboratório, quando acabou derrubando um fraco e inalando uma substância que o fez ganhar a super velocidade. E assim, inspirado no Deus Mercúrio Jay com um capacete de metal com asas passou a lutar e ajudar sua cidade. Posteriormente, este personagem teve vários reboots na sua história e origem do personagem, por isso, contamos com vários Flash 's. Atualmente, o Flash mais conhecido é o de Barry Allen que ganhou uma série.

²⁹ Seu personagem foi criado por Martin Nodell em julho de 1940 e contava a história de Alan Scott, um engenheiro executivo que sofreu um acidente no trem em que todos os passageiros morreram, exceto ele. Isto porque, momentos antes do acidente Alan encontrou uma lanterna misteriosa que começou a emitir uma luz verde e dela, recebeu uma missão para ser o Lanterna Verde. Com isso, foi orientado a fazer um anel e passou a utilizá-lo como fonte de seu poder.

experimento de criação de supersoldados, o Projeto Renascimento, supervisionado pelo Dr. Erskine. Com os efeitos do soro, Steve ganhou músculos, uma alta estatura e uma enorme força e em razão de um atentado, se consagra como o único participante e exemplar deste projeto. Ele se diferencia dos demais por ter sua identidade revelada, isto é, mesmo sem capa ou máscara como encontramos nos personagens anteriores, todos sabem que ele é e por possuir como arma principal um escudo que serve com arma de defesa e não de ataque, sendo uma alusão a entrada dos EUA a guerra (CUNHA, 2013).

Assim sendo, os personagens desta era são marcados por um gênero de aventura, com superpoderes, muitas vezes uma identidade secreta, com uniformes e com uma missão nobre moral. Em adição a este período, os editores passaram a criar super equipes sendo a primeira a “Sociedade da Justiça da América” que juntou os heróis da National Comics e All-American Comics. No entanto, com o fim da guerra o encanto e interesse por estes heróis foi decrescendo. O contexto mudou e o gosto do público também e com isto, os quadrinhos de terror passaram a ter mais popularidade porque retratavam e espelhavam as trágicas consequências do pós-guerra. Iniciamos então a Era de Prata.

1.2.2. Era de Prata:

Seu início foi árduo, pois o fato mais marcante desta era foi quando Frederic Wertham, um psiquiatra, publica *Seduction of the Innocent*³⁰. Nesta obra, o autor atrelava a delinquência dos adolescentes e jovens aos quadrinhos. Como já exposto, desta discussão foi criado o Comics Code Authority (CCA) e com ele, os gêneros mais populares do momento receberam um grande golpe, pois temas como terror e policial foram proibidos. A nova era então conta com histórias mais leves, com tom mais maniqueísta, com personagens mais humanizados e divertidos, impulsionando novamente as histórias de super-heróis.

Com grande influência da corrida armamentista e espacial, os novos personagens surgiram com inspiração em termos científicos como as radiações gama (o Hulk), a viagem espacial (o Quarteto Fantástico) e mutação (o Homem Aranha). Este último foi publicado pela primeira vez na revista *Amazing Fantasy #15* (Figura 9) na década de 60 e se distingue dos demais por ser um adolescente comum e por não possuir um físico musculoso.

³⁰ Posteriormente, a professora Carol Tilley afirmou em seus estudos que o Wertham manipulou os dados que foram utilizados em seu livro. Em seu artigo, *Information e Culture: A Journal of History*, Tilley identifica os dados que foram alterados de forma a distorcer as informações em função de seu argumento construído no livro e para comprovar a sua teoria.

Figura 9- Amazing Fantasy #15



Fonte: Amazon (1962)

Em suas primeiras aparições, Peter Parker é um adolescente normal que vai para a escola e que tinha preocupações de adolescentes como lidar com um par romântico, como arrumar dinheiro e como ter boas notas. O personagem ficou órfão quando ainda era um bebê e passou a viver com os tios, May e Ben. Certo dia, vai a uma exposição pública sobre manuseio de lixo nuclear quando é picado por uma aranha radioativa. A partir deste momento, o personagem ganha superpoderes ligados ao animal.

Ainda, desafiando o Comics Codes e entregando sua decadência, o Homem-Aranha retrata em sua história o Harry Osborn e sua relação com o vício em drogas, assunto que era proibido pelo código. Este período também foi importante para a antiga Sociedade da Justiça³¹ que foi reformulada e intitulada de Liga da Justiça e para a criação dos X-Men (Figura 10), tratando constantemente de preconceito e intolerância do seu período, e dos Vingadores (Figura 11), em resposta a Liga da Justiça. Além destes, trazendo um ar mais mitológico para a era, nasce em 1962, Thor, o Deus do Trovão. Sua primeira aparição ocorre em *Journey Into Mystery* #83 (Figura 12) e foi criado por Stan Lee, Larry Lieber e Jack Kirby, Thor era um médico norte-americano humano que se transformava no poderoso protetor da justiça ao bater um velho

³¹ A Sociedade foi formada pelo Sr. Destino, Lanterna Verde (Alan Scott), Flash (Jay Garrick), Homem-hora, Sandman, Gavião Negro, Átomo e Spectro, mas a DC Comics visualizando maior sucesso reformulou a equipe, criando a Liga da Justiça na década de 60 no HQ *The Brave and the Bold* #28. Nesta nova equipe, foram incorporados personagens como o Aquaman, Flash (Barry Allen), Mulher- Maravilha, Batman e Super-Homem.

cajado que se transformava no martelo Mjolnir. Sua origem é bem inusitada e tem algumas alterações com o passar do tempo e com a inserção do personagem no cinema.

Portanto, a Era de Prata reuniu personagens com características importantes como reflexo do período, trazendo o contexto da Guerra Fria e a era atômica em suas produções e nos vilões e na humanização dos heróis da Marvel, o que marcou um grande sucesso. De agora em diante, os quadrinhos assumem um tom mais sombrio e dá início a uma nova era.

Figura 10- Comics do X-Men #4



Fonte: Guia dos Quadrinhos (1964)

FIGURA 11- Capa dos Avengers



Fonte: Hqrock (1963)

FIGURA 12- Primeira Aparição de Thor



Fonte: Marvel (1962)

1.2.3. Era de Bronze:

Em contraste com a Era de Prata em que os quadrinhos apresentavam tons maniqueístas e simplistas, na Era do Bronze os quadrinhos irão expor a sociedade da década de 70 dos Estados Unidos que enfrentavam problemas como lutas por direitos civis negros e das minorias, drogas, alcoolismo e a Guerra do Vietnã em curso. Ou seja, começou uma era com heróis e personagens engajados e construídos em temas políticos e sociais. Destacam-se aqui Luke Cage, Pantera Negra, John Stewart, primeiro herói negro da DC, Lobo Vermelho e Tigre Branco.

Selecionado pelos Guardiões do Universo, John Stewart era um arquiteto e ex-fuzileiro naval que se tornou o apoio de Hal Jordan, outro Lanterna Verde, em diversas missões. Sua primeira aparição ocorre na HQ *Lanterna Verde* #87 (Figura 13) e foi criado por Neal Adams e Dennis O'Neil em 1971. Em diversos momentos, John refletiu e abordou a questão do racismo em seus quadrinhos. Além disso, diferente de outros colegas, Stewart se recusou a usar máscara e não manteve uma identidade secreta.

Figura 13- HQ Lanterna Verde Vol. 87



Fonte: Quadrinheiros (2020)

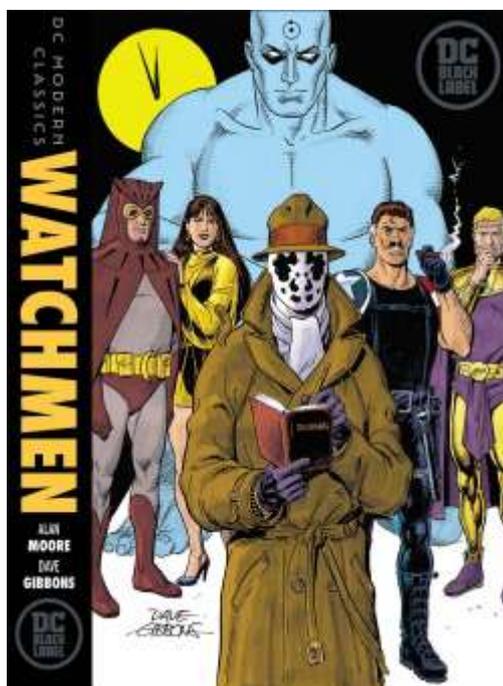
Durante esse período, o movimento underground passou a ter força e influência nos quadrinhos. Um dos quadrinistas mais polêmicos dessa época foi Robert Crumb com suas principais obras “Fritz The Cat” e “Mr. Natural”. Seus trabalhos se baseavam na distorção deformadora dos personagens e na sexualidade depravada. O espanto da sociedade perante suas obras foi tanto que uma delas foi apreendida pela polícia por “corromper a estrutura da família”. Suas produções tornaram-se uma das principais representações da contracultura, influenciando não somente outros quadrinhos como também na ilustração e no design.

Por fim, alguns autores caracterizam a década de 80 até atualmente como a Era Moderna. Com ela, observamos o aumento de histórias com tramas mais adultas, complexas e violentas. Entre elas, Watchmen (Figura 14), de Alan Moore, Dark Knight Returns (Figura 15), de Frank Miller e Maus (Figura 16), de Art Spiegelman. A obra de Miller é uma revisão obscura do universo ficcional do personagem que apresenta um Batman envelhecido em sua cidade caótica, fugindo dos padrões da indústria norte-americana dos comics.

Além das mudanças dos tons das histórias e dos heróis, os vilões também passaram por uma alteração, tipificando esse tempo com inimigos mais violentos, complexos e até mesmo maníacos. Ainda, muitos estudiosos afirmam que esse período é marcado tanto por uma oscilação como também por uma revolução sexual nos quadrinhos, caracterizados pelas mudanças dos corpos dos personagens em que as mulheres ficaram mais encorpadas e os

homens, mais fortes e escultural. Por outro lado, isso acabou empobrecendo boa parte dos roteiros das produções do momento. Em síntese, podemos destacar algumas características comuns: a inserção de temas recorrentes dos movimentos sociais do contexto, personagens sombrios e tramas inconstantes.

Figura 14- Watchmen



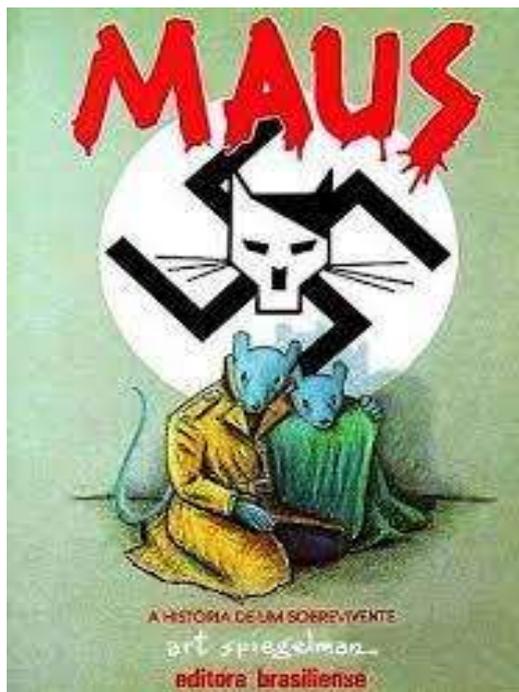
Fonte: IGN Brasil (2018)

Figura 15- Batman: O Cavaleiro das Trevas



Fonte: Guia dos quadrinhos (1988)

Figura 16- Quadrinhos do MAUS



Fonte: Universo HQ (2001)

1.3- BREVE HISTÓRIA DA EDITORA MARVEL

Originalmente a editora teve seu início na década de 1930 com o nome de Timely Publications e foi fundada por Martin Goodman. Ele era editor de *Pulp Magazines*³², mas buscou ter sua própria editora para comercializar quadrinhos de super-heróis, graças ao sucesso do Super-Homem da Action Comics, atual DC comics. As primeiras revistas em quadrinhos foram lançadas em 31 de agosto de 1939 com os personagens Tocha Humana³³, o Anjo, o detetive uniformizado e Namor³⁴. Os personagens foram bem recebidos pelo público e fizeram muito sucesso, garantindo uma segunda edição já com o nome de Marvel Mystery Comics. Seus sucessos deram origem aos demais heróis.

³² Pulp nada mais é que a polpa do papel que era utilizada como forma de baratear as revistas. Elas eram vendidas em bancas de jornal e tiveram sucesso entre a década de 20 e a década de 50. Essas revistinhas tinham enredo mais simples, leves, fáceis de ler e que agradavam a todos os públicos.

³³ Ou originalmente conhecido como *Human Torch*, este personagem foi criado Phineas T. Horton. Este primeiro personagem não é o mesmo Tocha Humana integrante do conhecido Quarteto Fantástico, mas sim um antecessor que na verdade era um andróide que ficava em chamas quando tinha contato com o oxigênio.

³⁴ É considerado o primeiro mutante do Universo Marvel, pois é fruto de um relacionamento entre um humano e uma princesa do Reino de Atlantis. Este personagem foi criado por Bill Everett e conta a história e aventuras do Príncipe Submarino que tem aversão aos povos da superfície, os humanos.

De início, a ideia era lançar estes personagens em uma revista chamada Motion Pictures Funnies Weekly que seria distribuída gratuitamente ao público jovem para cativar e atrair telespectadores para os demais lançamentos. Contudo, a revista nunca saiu da gráfica e somente alguns exemplares foram impressos e entregues aos donos das salas de cinemas. O lançamento ainda assim foi muito bom, pois vendeu cerca de 80 mil exemplares em um mês e Goodman solicitou reimpressão. Desta vez, vendeu 800 mil quadrinhos, apresentando um melhor panorama e desempenho que a National Comics no mesmo período (GUERRA, 2011).

Entre a primeira e segunda edições destes personagens Goodman optou por mudar além do nome, como citado anteriormente, alguns aspectos de suas histórias. As narrativas passam a seguir uma linha mais de histórias de super-heróis, trazendo o Tocha Humana uniformizado para suas aventuras e combates ao crime e ainda, como marca da editora, trazendo um aspecto pessoal e humano para o personagem o dando um emprego como policial.

Apesar da criação de diversos quadrinhos e personagens queridos e que foram um sucesso como o caso do Capitão América, a construção da Marvel foi árdua. Quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu, a Editora soube aproveitar bem os sentimentos em suas revistas e soube conquistar e envolver o seu público. Com as histórias de combate com o nazismo e posteriormente com oficiais japoneses, os quadrinhos do Capitão América conseguiram ilustrar o sentimento dos norte-americanos, mostrar o contexto do período e ainda, fez sucesso dentro do âmbito do governo dos EUA para o incentivo de alistamento das forças armadas. A revista do Capitão América foi tão aceita que foi líder de vendas da editora. Em 1943, a revista já acumulava mais de 30 milhões ao ano (GUERRA, 2011).

Mas quando a Segunda Guerra teve seu fim em 1945, os quadrinhos começaram a declinar. Para Ivan Lima (2015, pág. 80 apud GUERRA, 2016, pág. 32), o final da Guerra não seria a única explicação para a queda de vendas e de desinteresse nesses personagens. Segundo ele, os telespectadores já não eram mais crianças, mas membros das forças armadas que retornaram para casa e voltaram suas atenções e energia para coisas como família e o lado profissional. Além disso, este mesmo público envelheceu e amadureceu, demandando histórias mais complexas, melhores narrativas e melhores técnicas de design.

A Timely que agora se tornou Atlas Comics quase foi à falência com estes acontecimentos. Ainda tentou trazer os personagens dos maiores sucessos do conflito à vida, mas não deu certo. No final da década de 50, Stan Lee reuniu um grupo de editores e criadores

para a produção de quadrinhos para a editora. Artistas como Jack Kirby, Larry Lieber, Paul Reinam e outros foram chamados para realizar a criação dos principais quadrinhos da Era do Prata e posteriormente, da mudança e nascimento da Marvel Comics como conhecemos hoje. Sob o nome de Marvel, foram lançados os quadrinhos do Quarteto Fantástico, seu impulso inicial para o sucesso. Além disso, Goodman passou a incluir outro público em seus quadrinhos: as meninas adolescentes com heroínas como Patsy Walker³⁵ e a Millie³⁶.

Durante esse período houve a publicação do livro do psiquiatra Fredric Wertham, *A Sedução do Inocente*, que relacionou a criminalidade aos quadrinhos. Com isso, em 1954, quase todas as editoras se juntaram e criaram a Comics Magazine Association of America para institucionalizar as regulamentações do Código. Por consequência, os quadrinhos foram remodelados para não conter conteúdos violentos e explícitos sobre álcool, drogas ou qualquer conteúdo que pudesse ser considerado subversivo. Ainda assim, houve tentativas como a do Homem-Aranha de ir ao encontro a esta censura.

A partir da década de 60, o mercado de quadrinhos passou a receber quadrinhos de super-heróis com superpoderes, mas com uma face mais humana, mais próximos da realidade, que não são infalíveis e que são bem desenvolvidos. Estabeleceu assim um mercado para a editora Marvel ainda com transformações e uma abordagem única e própria. Outro fator para sua consolidação foram os nomes renomados agrupados por Stan Lee nessas construções. Aos poucos, tornaram-se populares e ganharam o mercado. E embora o nome Marvel já estivesse circulando a um tempo, foi somente em 1963 que a empresa oficialmente começou a se chamar Marvel.

Nas décadas seguintes, entrando na Era de Bronze dos quadrinhos, a Marvel chegou novamente a enfrentar um período de crise, mas conseguiu se refazer com a inserção de personagens negros e orientais. Ainda, no esforço de dar mais espaço para as minorias ampliou a representação para as mulheres e outros segmentos da sociedade como indígenas. Personagens clássicos tiveram suas representações femininas como Mulher-Hulk (Figura 17) e Mulher-Aranha (Figura 18). Durante esse período conhecido como Segunda Era da Marvel Comics, a

³⁵ A personagem foi criada por Ruth Atkinson e é conhecida como Felina ou Hellcat. Mais conhecida por ser amiga da Jessica Jones, seus quadrinhos tiveram como foco inicial mostrar a vida e os problemas de Patsy e seus colegas adolescentes. Depois, é remodelada e para se encaixar no modelo de super-heróis da Marvel passa a combater os crimes também.

³⁶ É uma personagem também escrita por Ruth Atkinson, uma das mulheres cartunistas pioneiras em histórias em quadrinhos. Millie é caracterizada por ser uma heroína das histórias humorísticas para o público das meninas jovens. A sua série teve 207 edições em um período de 28 anos sendo publicada.

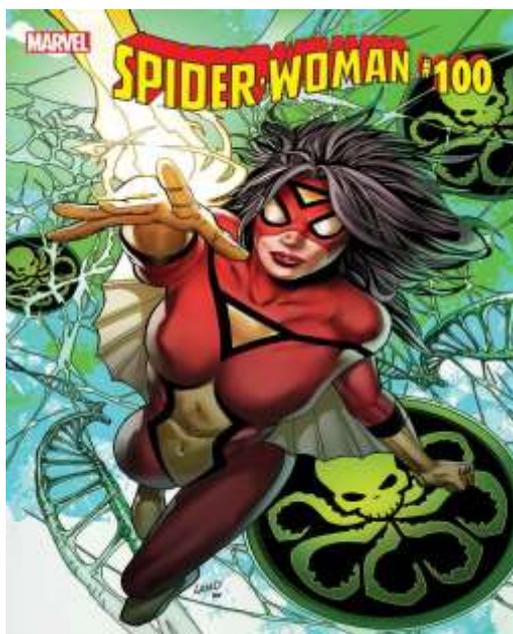
editora ampliou os números de títulos publicados e apostou na expansão dos negócios da editora, o que levou ao licenciamento de seus personagens em produtos como bonecos, fantasias, bottons etc.

FIGURA 17- Comics da Mulher Hulk



Fonte: Amino Apps (2019)

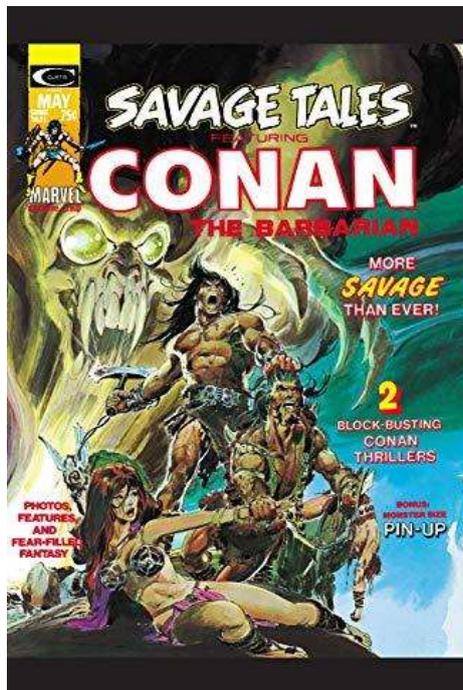
Figura 18- Centésima Edição da Mulher-Aranha



Fonte: Cabana do Leitor (2020)

Na década de 70, Goodman deu a Stan Lee consentimento para a criação e publicação de uma revista que não teria a supervisão do *Comics Code*, a *Savage Tales* (Figura 19).

FIGURA 19- SAVAGE TALES FEATURING CONAN



Fonte: Conan Fandom (1974)

Nela, temos o personagem Conan³⁷, sendo contratado pelo governo para criar um soro de supersoldado, mas acaba usando em si mesmo e este soro instável em contato com as águas do pântano o transformava no Homem-coisa. Criado por Roy Thomas, essa revista era direcionada para um público mais adulto, em formato de *magazine*, maior que os quadrinhos, e em preto e branco para não se encaixar dentro das regras do Código. E após as alterações e liberações do Código, a Marvel passou a publicar quadrinhos com personagens vampiros e lobisomens como *Dracula Lives*, *Monsters Unleashed*, *Tales of The Zombie* e *Vampire Tales*.

Aproveitando o momento e as tendência ao longo dos anos 70 com a liberação do código, a editora passou a incluir outros gêneros e títulos temáticos como artes marciais, *Iron Fist* e *Shang-Chi: Master of Kung Fu*, feitiçaria, *Red Sonja* e ficção científica com a série de longa duração, *Star Trek*. Estes títulos alcançaram um grande sucesso durante esse período.

Mais tarde, em 1986, a Marvel comemora seu 25º aniversário desde o lançamento da primeira edição do Quarteto Fantástico e celebrariam este feito a partir de um novo universo.

³⁷ No dia 18 de setembro deste ano, a Marvel anunciou que está se despedindo do personagem, pois os seus direitos estão retornando para a Dark Horse porque a editora não renovou os direitos. Sua despedida e última aparição ocorrerá na revista *Savage Avengers* #5.

Intitulado como “Novo Universo”, as novas revistas e narrativas eram focadas em personagens de pessoas reais ganhando poderes extraordinários. A ideia era trazer o mundo real mais próximo ao dos quadrinhos, trazendo um mundo igual ao nosso. No entanto, a ideia não foi comprada pelos leitores e os primeiros títulos venderam 150 mil exemplares (GUERRA, 2011).

Contudo, já no fim dos anos 80 a Marvel sofreu com uma nova crise e uma nova mudança. A editora foi vendida para Ronald Parelman e este buscando ampliar as vendas tentou mudar a gestão econômica da empresa. Ainda, Ronald foi acusado e investigado por desvio de dinheiro da Marvel para si, o que levou a mudança de diretoria. Avi Arad, seu sócio, e Isaac Perlmutter assumem o controle da editora em 1997 e conseguem reestruturar e erguê-la novamente. E a partir dessa gestão os personagens clássicos passam a ter licença dentro das telonas e levam o sucesso da Marvel nas Comics para diversas outras mídias. Já nas HQs, Joe Quesada³⁸ se tornou o editor-chefe e reformulou papéis clássicos como Thor e Capitão América

Por fim, em 2009, uma nova alteração ocorreu com a compra da Marvel pela Walt Disney, pouco tempo após a criação do Universo Cinematográfico da Marvel (MCU)³⁹. Com isso, os heróis são reestruturados, com novas versões e são lançados nos cinemas. Sob o comando da Disney, as histórias passam a ter séries mais maduras, com mundos alternativos e com lançamentos regulares. Após a aquisição, o primeiro lançamento foi Vingadores (2012), primeiro filme da Fase 1 do MCU. Com esta nova fase, a editora fez história e conta com diversos filmes publicados e com sucesso de bilheteria, impactando não apenas as HQs, mas também a indústria de entretenimento como um todo.

Atualmente, a Marvel se consolidou como a principal editora norte-americana de história em quadrinhos. Em sua base, conta com mais de 5000 personagens sendo os mais famosos: Hulk, Homem-Aranha, Thor, Capitão América, Homem de Ferro e outros. E nesses mais de dez anos, a Marvel já lançou mais de 18 filmes que somam juntos mais de 13,5⁴⁰ milhões de dólares em bilheteria, marcando o Universo Cinematográfico da Marvel como a maior franquia. Com tamanho sucesso e bilheteria, o Universo da Marvel sob cuidados da Disney continuará se expandindo e progredindo com a chamada Fase 4 do MCU. Logo, a compra é considerada uma das maiores contribuições para a visibilidade e reconhecimento dos

³⁸ Joe Quesada é um quadrinista, escritor, editor e produtor norte-americano. É um dos principais nomes da Marvel Comics, atuando nela desde o fim da década de 90. Mais tarde, acabou se tornando o editor-chefe e chefe criativo da Marvel. Quesada contribuiu com diversos projetos novos e do Selo Marvel Knight, mas após quase 25 anos de empresa, Joe deixa a editora para focar em outros projetos.

³⁹ A Marvel divide suas produções em fases, trazendo suas produções de forma que todos esses compartilham um universo ficcional onde os personagens e tramas se cruzam. O MCU já conta com mais de 20 filmes.

maiores personagens e quadrinhos do mundo e suas franquias, traçando um projeto de longa duração para filmes, séries e outros produtos.

2 OS ESTADOS UNIDOS E O PÓS 11 DE SETEMBRO

Os atentados terroristas de 11 de setembro foram um acontecimento altamente traumático para todos aqueles que foram vítimas, para os parentes das vítimas, para aqueles que presenciaram e para a imagem dos Estados Unidos. Além disso, os atentados desencadearam um sentimento de medo, de raiva, de insegurança e de grande comoção na população norte-americana e no mundo. À vista disso, o episódio acarretou um enorme impacto nas esferas políticas, sociais e culturais da sociedade estadunidense e mundial.

Essa ruptura na segurança foi responsável pela reformulação na política e nas estratégias de segurança e defesa do país buscando manter seu papel de maior potência do momento frente aos desdobramentos dos acontecimentos e aos desafios em ascensão da virada do século. Para os EUA, os ataques foram considerados atos de guerra, com suas organizações e instituições tomando para si a tarefa de buscar e encontrar os responsáveis pelos atentados.

Logo, o fruto e as repercussões desse acontecimento são sentidos até os dias de hoje tanto no plano interno quanto externo dos EUA, bem como mudanças diplomáticas em âmbito internacional, sendo compreendido por alguns estudiosos não como um fato, mas como um processo histórico em aberto. Logo, o presente capítulo tem como objetivo retratar e caracterizar os atentados terroristas de 11 de setembro. Apesar de estarem grudados nas memórias de alguns, já se passaram 21 anos do ocorrido e uma geração inteira já nasceu, deixando apenas filmes como referências do episódio. Além disso, no subcapítulo seguinte apresentamos o 43º presidente dos Estados Unidos, George Bush, traçando de forma histórica e rápida seu mandato desde suas eleições até sua reeleição em 2004. Nele, buscamos reproduzir as ações imediatas e as estratégias do governo no pós 11 de setembro.

2.1. O EVENTO:

O 11 de Setembro foi organizado pela Al-Qaeda liderados por Osama Bin Laden, árabe multimilionário e um dos fundadores da organização. A Al-Qaeda, que significa “a base” em árabe, é um grupo composto por fundamentalistas radicais muçulmanos e árabes. O grupo nasceu em 1989 com o objetivo de expulsar a URSS do Afeganistão e foi, junto com outros grupos, alvos de patrocínio dos Estados Unidos que na época financiou grupos anticomunistas na região. Contudo, alguns desses grupos cresceram, se empoderaram e se tornaram fundamentalistas religiosos e com a Guerra do Golfo, Osama Bin Laden se posicionou contra

os Estados Unidos. Apesar de ter realizado alguns atentados contra bases militares do país na região, foi somente com os atentados de 11 de setembro que a Al-Qaeda recebeu a devida atenção.

O ataque foi bem planejado e acionou cerca de 19 pessoas para realizar o sequestro dos aviões comerciais e concluir o propósito. O atentado começou com o embarque dos terroristas em 4 voos distintos e dentre eles, um colidiu contra as Torres Gêmeas, atingindo a Torre Norte, outro também atingiu as Torres Gêmeas, mas na Torre Sul, o terceiro chocou-se contra o Pentágono, centro que sedia o Departamento de Defesa dos EUA. Por último, o quarto avião tinha como objetivo atingir o Capitólio, centro do Poder Legislativo dos Estados Unidos, mas acabou caindo em uma zona rural da Pensilvânia antes de atingir seu alvo.

O World Trade Center era um complexo formado por diversos centros entre eles, as Torres Gêmeas. Dentre os sete prédios deste complexo, as Torres Gêmeas eram as mais conhecidas e eram um dos cartões postais da cidade de Nova York. Foi construído entre 1966 e 1973 e foi uma iniciativa para valorizar a região e que prosperou já que as empresas mais importantes começaram a abrigar seus escritórios neste edifício. Estima-se que durante o período do atentado mais de 40 mil pessoas trabalhavam no local em mais de 430 empresas. Por isso, o prédio era muito simbólico para os Estados Unidos, pois concentrava o maior centro de negócios e financeiros do mundo.

Depreende-se que o atentado deixou quase três mil pessoas mortas, além dos 19 sequestradores, das quais 2606 morreram em Nova York com o desabamento das Torres, 125 morreram no Pentágono e 246 morreram nos aviões, sendo tripulação e passageiros em geral⁴¹. Calcula-se que os prejuízos financeiros decorrentes da destruição de infraestruturas chegaram a US \$10 bilhões. Além dos mortos no atentado, o 11 de setembro fez outras centenas de vítimas. Estima-se que 80 mil pessoas foram alocadas para realizar o resgate e ajudar as vítimas, entre eles, bombeiros, policiais e outros. Todos eles tiveram contato com fumaça e materiais tóxicos e até mesmo cancerígenos, o que posteriormente levaria a mortes. A grandiosidade do ataque foi tanta que somente 99 dias após o ocorrido que os bombeiros e ajudantes conseguiram apagar o fogo totalmente. Este foi o primeiro grande ataque que os Estados Unidos receberam em seu território desde o ataque que ocorreu em sua base naval Pearl Harbor pelos japoneses em 1941. Embora Choamk (2001) refute essa ideia visto que, Pearl Harbor não se encontra no território dos EUA, mas é uma de suas ilhas anexadas. Os ataques também tiveram um grande

⁴¹ SILVA, Daniela. História do Mundo: Atentados de 11 de setembro. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>. Acesso em: 31 de jul. de 2022.

simbolismo, pois no momento os EUA ocupavam a posição central nas potências mundiais e nessa Nova Ordem Mundial, atingindo maturidade em seu poderio.

O evento de 11 de setembro é um marco no século XXI e para o sistema das relações internacionais, definindo um novo elemento nas discussões da política internacional e nas relações dos Estados Unidos com a Nova Ordem. Barbosa (2002) analisa o 11 de setembro como um acontecimento tanto de ruptura quanto de continuidade. Para ele, o mundo em si não mudou, mas levou a pauta e agenda da política a ser remodelada, mas não pela ação em si dos terroristas, mas pela vontade de poder da maior potência da nossa época (BARBOSA, 2002, pág.72).

Em conflitos anteriores, os Estados Unidos buscavam legitimar suas ações através do estabelecimento e fortalecimento de alianças com outros países. Com o 11 de setembro esta ação usual foi mudada pois, trouxe uma percepção de uma luta entre o “bem” e o “mal”. Por isso, a reação dos EUA foi imediata e unilateral. Motivado pela situação excepcional e única, os Estados Unidos buscaram reagir com intervencionismo e cooperações seletivas com países e entidades que corroboraram com seus valores, ações e ideais.

Além do sentimento de contestação ao poderio dos Estados Unidos, outro sentimento que surgiu foi o de medo e o de vulnerabilidade. Em razão da ausência de ataques em seu território, os atentados de 11 de setembro geraram uma onda de insegurança na população que não sabiam quando poderia ocorrer outra investida dessa. Em sua análise Gaddis (2002 apud PEDROSO, 2014 pág. 24) afirma que os atentados impactaram na ideia de segurança nacional já que por muito tempo pensava que as ameaças e as fraquezas dos Estados Unidos estavam em seu exterior. Essas sensações foram também importantes para as respostas e reações internas e externas e para as políticas externa e de defesa dos EUA. As consequências dessas reações foram sentidas no âmbito econômico, da segurança, nas relações e parcerias com outros países e com organizações multilaterais.

Com o 11 de setembro, a pauta do terrorismo foi colocada como assunto central nas discussões da política internacional e na formulação da política externa dos países. Apesar disso, como argumenta Barbosa (2002) isso não implicou no surgimento de uma “Nova Ordem Mundial”. Ainda temos uma manutenção da ordem, mas com um novo conjunto de ações, prioridades e agendas. Além disso, os atentados levaram aos estadunidenses a reavaliarem e refletirem sobre sua pátria e o lugar deles no mundo. Algumas crenças foram colocadas em dúvidas e algumas questões foram levantadas pelos seus cidadãos, forçando-os a olharem o mundo e o seu país com outros olhos. Por fim, os atentados levaram a uma ascensão ao

sentimento de patriotismo e de islamofobia (o ódio ao muçumano) descomunal nos habitantes e na população mundial. Este momento reflexivo é retratado também nos quadrinhos do Capitão América, os quais vamos analisar posteriormente.

2.2. O PRIMEIRO GOVERNO BUSH E O CONTEXTO DOS ESTADOS UNIDOS NO PÓS 11 DE SETEMBRO

George Walker Bush ou simplesmente George W. Bush, filho do ex-presidente George Bush que governou durante 1989 a 1993 e ex-governador do Texas foi o 43º presidente norte-americano que assumiu a presidência no dia 20 de janeiro de 2001. Sua popularidade como Governador do Texas o colocou para a disputa da presidência em 2000 e com isso, Bush concorreu com o candidato democrata Al Gore, vice do ex-presidente Bill Clinton, e acabou ganhando a corrida presidencial.

A aposta para vencer estas eleições era no vice-presidente Al Gore que possuía mais experiências em governos que Bush e que representou o governo em um momento mais próspero. No entanto, à medida que as eleições se aproximavam e corriam, a opinião pública demonstrou uma dualidade e opiniões bem controversas, o que levou a uma grande corrida acirrada entre eles. O processo eleitoral também foi marcado por polêmicas envolvendo a questão da contagem de votos no estado da Flórida. Foi o último estado a ser contados os votos e aparentemente o democrata havia ganhado as eleições, porém em razão de uma diferença mínima entre os resultados foi realizada uma recontagem. Após 5 semanas de espera e uma batalha judicial, foi identificado que quem havia conseguido maioria dos votos foi, na verdade George W. Bush com uma margem de 537 votos de diferença. Estudiosos identificaram que o problema foi a cédula borboleta utilizada pela Flórida, pois fez com que alguns eleitores de Al Gore tenham votado sem querer em um terceiro candidato em razão da cédula confusa.

Em sua campanha eleitoral, George Bush apresentou propostas e promessas e dentre elas, estava a de que seu governo seria marcado por uma era de responsabilidade em que “as pessoas compreendam que são responsáveis pela escolha que fazem e que são responsáveis por suas ações”⁴² (BUSH, 2000, tradução nossa) e sendo assim, usaria a presidência para promover um grande senso de responsabilidade através de seu país. Suas políticas, em sua visão, refletiam

⁴² Trecho retirado de panfleto de campanha a qual George Bush explica o porquê ser presidente e o que pretende realizar sendo eleito. Disponível em: <http://www.4president.org/brochures/georgewbush2000brochure.htm>. Acesso em: 04/08/2022.

seu compromisso com o conservadorismo. Além disso, suas promessas abordavam temas como a melhoria na educação e implementação de novas medidas educacionais, diminuição de taxas e impostos e na melhoria e no reforço das forças militares e dessa forma, reconstruir o exército dos EUA e a estatura do país no mundo. Bush também defendia a resolução de problemas internos, defendendo um maior investimento em inteligência e armas, principalmente em sistema de defesa antimíssil antibalística. Com isso, Bush pretendeu defender os americanos e os aliados contra esses mísseis evitando que acontecesse algum tipo de ataque. Ainda, em um de seus panfletos de campanha afirmava que não defendia a presença dos Estados Unidos em nenhum território, pois para ele as tropas não devem ser postas em perigo e nem nunca serem postas sob comando da ONU (BUSH, 2000, tradução nossa). De fato, declarou oposição a uma política externa expansiva e criticou o uso do exército norte-americano como "reconstrutor de nação" mas, na prática não findou assim.

Suas promessas se evidenciaram mais com o acontecimento de 11 de setembro que levou ao distanciamento dos Estados Unidos da política internacional e reforço dos atos unilaterais, produzindo alterações em sua conduta na política. Diferente do que vinha acontecendo desde o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos não eram a única grande força inabalável no sistema internacional e em decorrência da nova conjuntura e contestação dos atentados, alguns campos foram forçados a serem reflexivos e adotarem políticas de sobrevivência, a exemplo da guerra. Guimarães (2002) pontua que o governo de Bush não se afastou muito da política externa de seus antecessores, pois o foco inicial era as dificuldades internas, mas:

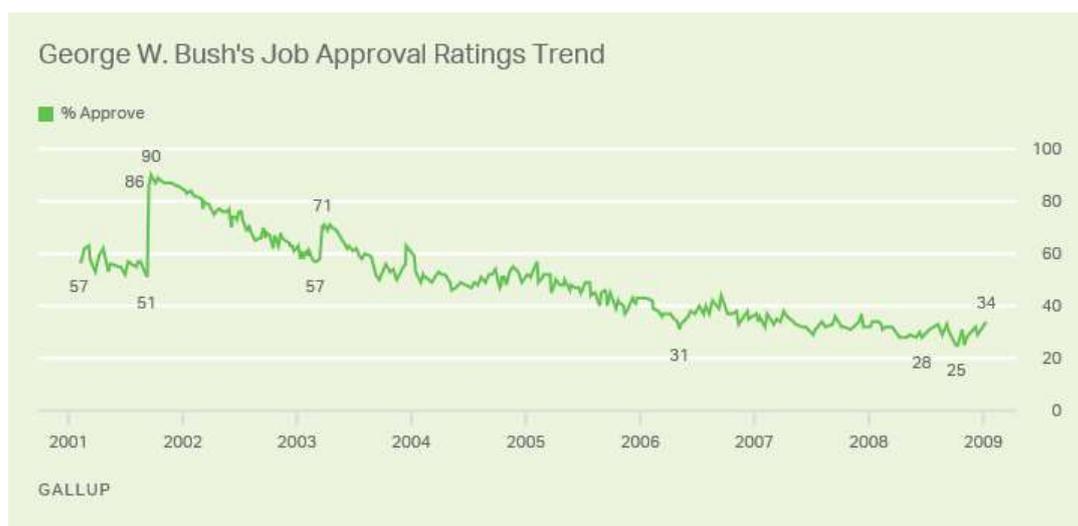
Como conclusão, diante dos acontecimentos internacionais patrocinados pelo governo G. W. Bush desde sua posse – tais como o bombardeio do Iraque, a expulsão de diplomatas russos dos Estados Unidos; passando pela rejeição do Tratado de Kyoto e outras medidas antiambientalistas; a busca pelo reforço da posição norte-americana diante da Europa, apesar do discurso da parceria; a elevação da Rússia e da China à condição de competidoras estratégicas; a busca pelo rompimento de acordos estratégicos, como o ABM, para a criação do sistema nacional antimísseis; as pressões para a aceleração da Alca; a crise com a China; o isolamento na busca do acordo de paz entre Israel e Palestina, entre outros – pode-se afirmar que vem se implementando um novo perfil unilateral, agressivo e ofensivo na condução da política externa americana que tem transformado a forma de os Estados Unidos exercerem sua liderança neste início de século, a qual é contraposta ao perfil verificado no governo Clinton (VIGEVANI e OLIVEIRA, 2001 apud GUIMARÃES, 2002, pág.61)

No dia do ocorrido, o Presidente Bush estava em uma visita a uma escola primária de Sarasota, na Flórida, divulgando uma de suas leis de educação. Recebeu primeiro a notícia da queda do primeiro do avião, mas somente 15 minutos depois com a queda do segundo que se

acontecimentos como uma guerra contra a liberdade e poder norte-americano, conseguindo um maior sustento em seu governo.

Semanas antes dos atentados do 11 de setembro a sua aceitação do público era bem abaixo, possuindo 50% de aceitação e duas semanas após o ocorridos pesquisas indicaram um aumento para quase 90%. Um mês depois, o índice chegou aos 90%, um recorde elevado para uma aprovação presidencial (FIGURA 22).

FIGURA 22- TENDÊNCIA DOS ÍNDICES DE APROVAÇÃO DO TRABALHO DE GEORGE W. BUSH



Fonte: News Gallup (2019)

Meses depois do evento, inaugurando informalmente suas ações preemptivas, Bush anunciou que iria agir para que regimes apoiadores do terrorismo ou do “eixo do mal”, como o Iraque e Irã, não tomassem iniciativas ou adquirissem armas poderosas e se tornassem uma ameaça ainda maior. Bush então tomou a decisão de iniciar uma guerra contra o terrorismo em si, pois este ameaçava a todas as nações e o Afeganistão seria o início dessa campanha. Bush justificou aos norte-americanos que o principal suspeito, Bin Laden, organizou campos de treinamento na região e o regime Talibã, governantes do país, tem o apoiado. A operação denominada Enduring Freedom (Liberdade Duradoura) contaria com ações da força da CIA e de operações militares tanto no solo quanto no campo aéreo. No dia 7 de outubro, com o início da invasão, Bush realizou um discurso e afirmou que “nós somos apoiados pela vontade coletiva do mundo” (JONES, 2013).

45 dias depois dos atentados do 11 de Setembro, o Congresso Norte Americano aprovou, como parte das políticas necessárias para o antiterrorismo, o Uniting and

Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism ou simplesmente USA Patriot Act. Esta lei tem como objetivo punir os atos terroristas nos Estados Unidos e buscava ampliar os direitos do governo e deu liberdade e permissão para as agências de segurança como FBI e CIA escutarem chamadas, ter acessos a registros médicos, a e-mails, transações bancárias, deportar imigrantes e entre outros privilégios. Oposto ao seu principal objetivo, a lei deu autorização para investigar não somente os culpados ou suspeitos, mas todos os cidadãos passando a recolher dados de todos e de tudo.

Algumas semanas depois, a imprensa apontou que a campanha do Afeganistão parecia parada e atolada, sem muita utilidade naquele período. Apesar disso, Bush não recuou e enfatizou em sua réplica que todos concordaram em agir com este plano e por isso é preciso manter a confiança e ser paciente, pois irá funcionar (JONES, 2013). Pouco tempo depois, o Talibã se retirou de algumas cidades a qual possuíam controle e o sucesso e encaminhamento parecia iminente, porém, Osama Bin Laden ainda não tinha sido localizado e encontrado.

Meses depois, no dia 7 de dezembro, o controle do Sul do Talibã caiu, deixando o país nas mãos e aos comandos dos Estados Unidos e dos afegãos contra o regime do local. A mudança e transição de controle ocorreu sem nenhuma formalidade ou acordo, somente com o peso da mudança de poder entre os dois países. E com o suporte da ONU, foi eleito um líder afegão provisório para governar até ser aprovada uma nova constituição e novas eleições ocorreram para eleger e estabelecer um governante e governo permanente. No início de 2002, Bush lembrou em um de seus discursos que a manutenção da Guerra do Afeganistão é necessária até o estado possuir um governo estável e que a caça ao terrorismo e aos terroristas continuaria no país através dos esforços combinados das nações. Com isto em mente, Bush acreditava que era o momento, também, para invadir o Iraque para depor seu governante, Saddam Hussein e instalar uma democracia em seu lugar. Em sua lógica, o estabelecimento de uma democracia no Oriente Média seria um bom sinal para os demais países da região e para servir como aliado para sua procura e combate contra o terrorismo em outros países.

Em seus discursos, Bush afirmou que Hussein possuía no território armas químicas de destruição em massa e que poderiam ser utilizadas contra sua própria população. A afirmação passou por inspetores logo após a Guerra do Golfo, mas não teve tratativa e nem conclusão por parte da ONU. Em outubro daquele ano, a Casa Branca deu autorização para que os Estados Unidos utilizassem suas forças militares no território do Iraque sem o apoio da comunidade internacional e do Conselho de Segurança da ONU. E apesar do apoio e da aliança inicialmente,

os países da Europa estavam relutantes em apoiar e se juntar a uma aliança militar com os Estados Unidos contra o Iraque.

A operação Iraqi Freedom teve início em 19 de março de 2003 e em meados de abril, Bagdá, a capital do Iraque, já tinha sido tomada e controlada. A estátua de Saddam Hussein foi derrubada em um evento ao vivo na televisão como forma de triunfo. Apesar disso, boa parte do Norte do país ainda estava sob o controle e comando do governante Hussein, mas para Bush este já era um grande passo para estabelecer a liberdade e paz no local.

Em seus discursos, Bush afirmava que a ocupação do Iraque seria temporária e seria o caminho para a liberdade e reconstrução do país. Todavia, com o passar do tempo e da guerra, o alto grau de violência no Iraque começou a ter consequências e dividir opiniões dentro e fora do território norte-americano e ainda, nenhuma arma de destruição em massa foi encontrada. E se não há armas, para a população não haveria motivos para a guerra se estender tanto e gerar mais danos. Este raciocínio poderia ser um ponto negativo para a popularidade do Presidente e para sua tentativa de reeleição posteriormente. Em consequência, Bush procurou outros meios e vias que compensasse esses efeitos negativos tanto em sua popularidade como na situação de violência no Iraque de forma a reverter a situação.

Ao final de 2003, os Estados Unidos conseguiram realizar a apreensão do Saddam Hussein e colocou em substituição um o CGI (Conselho de Governo do Iraque). Com ele, o governo estadunidense selecionaria pessoas para criar e instituir uma nova Constituição para o país. A ideia era estabelecer eleições diretas para a Assembleia Nacional e realizar eleições gerais. No entanto, essas medidas e a nova Constituição não foram aceitas pela população local e isso impulsionou os conflitos internos no território.

A política estabelecida pelo presidente pós 11 de Setembro ficou conhecida como Doutrina Bush. Ela foi lançada por Bush, em 2002, em um de seus discursos no Congresso Americano. Os Estados Unidos substituíram a postura defensiva e reativa da Guerra Fria por um comportamento unilateral e proativo. As principais características dessas políticas, como algumas já mencionadas, foram as guerras e ações preventivas, o combate ao terrorismo, a defesa do livre mercado e comércio livre e pela ideia do “eixo do mal”. Estes elementos e os demais que caracterizariam as estratégias e políticas desse momento e da doutrina foram reunidos no documento Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América em setembro de 2002. Este documento reflete o mesmo raciocínio de ação e medidas propostas no documento oficializado pelo Departamento de Defesa em 1993.

Ainda que esses acontecimentos tenham marcado a atuação de Bush como contraditória, ele conseguiu se reeleger em 2004 com a defesa na eficácia no combate à ameaça terrorista. Sua postura nesse segundo mandato foi, primordialmente, mantida e ainda, robusteceu e agravou as ações contra a Guerra ao Terror e na sua atuação no território do Iraque. Este último tornou-se um de seus grandes focos de ações e no decorrer deste segundo governo acabou perdendo sua popularidade dentro e fora de sua administração. No final, a proposta inicial da Guerra ao Terror foi concluída somente no governo de Barack Obama, em 2 de maio de 2011 com a operação Lança de Netuno que resultou no fim da vida de Osama Bin Laden no território do Paquistão.

Em suma, o primeiro governo de Bush teve seus sucessos na área de educação e na redução de taxas e tarifas. Além disso, ao final de seu primeiro mandato, Bush conseguiu com que o Congresso aprovasse quase todas as suas promessas de campanha, citadas no início, exceto as de caráter da previdência social. Entretanto, com os acontecimentos do 11 de Setembro tivemos uma ruptura em suas políticas e a ameaça terrorista serviu como impulso para uma atuação mais unilateral, proativa e voltada para o interesse nacional norte-americano. Essas mudanças e percepções das políticas também foram sentidas pelo universo dos quadrinhos e dessa forma, a arte imita a vida e retrata este período nebuloso.

3 O DISCURSO E SEUS REFLEXOS NOS QUADRINHOS: O CASO DO CAPITÃO AMÉRICA

Como visto no primeiro capítulo, o contexto e os fatos da sociedade e das relações internacionais foram desde seu início representados nas histórias em quadrinhos dos super-heróis. Desde a Era do Ouro, até as histórias nas telinhas dos cinemas apresentam o contexto social vivido daquela época. Dessa forma, o Capitão América, como já mencionado, é um personagem que replica a vida real em suas histórias. A construção deste herói tem uma trajetória relacionada à história de seu país, os Estados Unidos e com os atentados de 11 de setembro, o Capitão América também espelhou as modificações e dentro do seu perfil, representou e ilustrou o acontecimento.

Posto isto, este capítulo tem o objetivo de analisar como o acontecimento dos atentados do 11 de Setembro foram retratados nas HQs do Capitão América, assim como examinar, de forma síncrona, os discursos de George W. Bush. Para tal, foi escolhido as seis edições do volume 4 de sua história em quadrinhos, sendo elas elencadas na Tabela 1. Elas foram escolhidas em razão de inserir nessas edições o contexto do evento do 11 de Setembro e pelo recorte escolhido para ser analisado.

TABELA 1- EDIÇÕES ESCOLHIDAS PARA SEREM ANALISADAS

	Título	Data de Publicação
1º Edição	Enemy, Part One: Dust	24 de abril de 2002
2º Edição	Enemy, Part Two: One Nation	8 de maio de 2002
3º Edição	Enemy, Part Three: Soft Targets	26 de junho de 2002
4º Edição	Warlords: Part I	21 de agosto de 2002
5º Edição	Warlords (Part 2): Above the Law	9 de outubro de 2002
6º Edição	Warlords (Part 3)	11 de dezembro de 2002

Fonte: Elaboração Própria (2022)

O volume 4 da revista do Capitão América foi publicada em junho de 2002 até dezembro de 2004⁴³, foi escrito por John Ney Rieber e desenhado por John Cassaday que tinham como propósito estabelecer uma interpretação mais crítica ao acontecimento e ao país pós-11 de setembro. A revista recebeu o selo de “Marvel Knights”, pois tinha intenção de ser mais adulta e mais realista e para Rieber e Cassaday, a proposta era fazer um personagem que possuísse “uma relevância em nosso mundo atual” (RIEBER, 2002 apud PEDROSO, 2014, pág.29). Ainda, tinham como foco mostrar como o personagem reagiu e se adaptou às questões levantadas com o 11 de Setembro. Os dois são nomes e figuras importantes dentro da arte das HQs e possuem diversos trabalhos para diversas editoras nos Estados Unidos. Rieber é conhecido pelas séries mensais Livros da magia, G.I Joe e Tom Raider enquanto Cassaday é mais conhecido por seu trabalho no Planetária e no Astonishing X-Men.

Além disso, uma outra preocupação que Cassaday e Rieber tiveram foi de levar em conta que o personagem possuía mais de 70 anos de existência e com isso, diversas histórias e adaptações foram feitas para manter o personagem vivo, atualizado e de acordo com os contextos dos períodos e de seus artistas. Portanto, seria necessário que os dois artistas conseguissem passar e apresentar as principais características e faces do Capitão América sem torná-lo irreconhecível para seus leitores e para sua época.

Nas palavras de Rieber, o Capitão América é “o melhor da América”, o sonho e o espírito (RIEBER, 2002 p.89 apud PEDROSO, 2014 pág.30). Assim, para o escritor, o personagem do Capitão América é considerado um valioso símbolo para os valores culturais, políticos e históricos dos Estados Unidos. Sendo por muitos considerado como um representante da nação norte-americana e como um defensor dela. Sua manutenção ao longo dessas 7 décadas representa muito bem essa afirmação o transformando em um dos poucos super-heróis com o patamar de símbolo dentro do gênero. Com tão alto nível, o Capitão América foi um dos escolhidos para representar a nação norte-americana e os sentimentos depois do ocorrido.

Nesse sentido, de forma a analisar o reflexo nos quadrinhos do Sentinela, iremos utilizar a metodologia de análise de conteúdo. Levando em base os conceitos de representatividade, exaustividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 2011) foram escolhidas e coletadas as seis primeiras edições do Volume 4 dos quadrinhos do Capitão América e em adição, os discursos realizados pelo então presidente Bush disponibilizados em língua inglesa em sua forma

⁴³ No Brasil, o volume chegou entre junho e dezembro de 2002 e foi publicado pela Panini Brasil.

transcrita em um artigo compilado, em seu site e em uma data-base de discursos. No total, foram reunidas as 6 edições dos quadrinhos e 11 discursos pertinentes do presidente que vão desde o dia do fato (11 de setembro) até 19 de março de 2003. Sendo eles realizados em locais como a Casa Branca, Assembleia Geral da ONU, no Capitólio, em vários Estados e em instituições como o National Endowment for Democracy. Para isso, os discursos escolhidos estão listados na Tabela 2.

TABELA 2- DISCURSOS ESCOLHIDOS PARA A ANÁLISE

DISCURSOS	DATA DE PUBLICAÇÃO
The First Inaugural Address	20 de janeiro de 2001
Remarks at Emma Booker Elementary	11 de setembro de 2001
9/11 Remarks at Barksdale Air Force Base	11 de setembro de 2001
9/11 Address to the Nation	11 de setembro de 2001
First Radio Address Following 9/11	15 de setembro de 2001
Address at the Islamic Center of Washington	17 de setembro de 2001
Operation Enduring Freedom in Afghanistan Address to the Nation	7 de outubro de 2001
The World Will Always Remember 9/11	11 de dezembro de 2001
State of the Union Address to the 107th Congress	29 de Janeiro de 2002
State of the Union Address to the 108th Congress	28 de Janeiro de 2003
Address to the Nation on Military Operations in Iraq	19 de março de 2003

Fonte: Elaboração própria (2022)

A escolha por esses materiais decorre do fato que eles têm temas e conteúdos similares entre si e com as edições dos quadrinhos escolhidos sendo pertinentes para a análise e objetivo do trabalho. Neles, podemos encontrar tópicos e palavras sinônimas a nação, liberdade, guerra, segurança, ameaça, democracia, terror, terrorismo, terroristas e ideal. Dessa forma, o trabalho foi organizado a partir desses temas e categorias e com o material já reunido, foram ordenados para que posteriormente seja iniciado o processo de análise.

Como elencado em seu livro, Bardin (2011) apresenta as etapas necessárias a serem seguidas para fazer a análise dos materiais. No primeiro momento, como mencionado acima, foi realizada a pré-análise, em que exploramos, organizamos e preparamos os materiais. Em

seguida, foi feita uma leitura flutuante de todos os conteúdos, como destaca a autora, com o intuito de ter um primeiro contato com esses materiais e ter um melhor entendimento, buscando formular a hipótese e os objetivos de forma a explicar e argumentar o que será validado.

Logo depois, partiremos para a etapa de codificação e nela, iremos realizar o recorte das unidades de registro e de contextos dos materiais. Com isso, almejamos classificar o conteúdo em temas ou palavras levando em consideração a pertinência e o objetivo de pesquisa. Também foi realizada a enumeração utilizando o critério de presença de alguns temas ou palavras que identificamos necessárias para análise. Para este processo foi utilizado o programa de análise de dados qualitativos Nvivo. Por fim, temos a terceira etapa da categorização que é realizada após a análise dos dados que encontramos e nesta fase, olhamos para as unidades de registro e as transformamos em categorias. Em nossa pesquisa, as categorias mais utilizadas para nossa análise foram a semântica (significado dos códigos) e a expressiva (o que quis dizer o discurso) para levantar e consolidar nossa categorização.

Posto isto, com a coleta e agrupamento dos materiais foram selecionados os mais pertinentes, feito a leitura prévia e por meio dos quadrinhos e dos discursos o artigo busca entender a influência do contexto do 11 de setembro nos dois. Assim sendo, os temas e as palavras associadas a essa unidade de contextos foram considerados para codificar e com isso, categorizar, interpretar e produzir o embasamento para compreendermos essa relação.

Por fim, é preciso ratificar que a pesquisa possui um caráter exploratório e tem como objetivo criar uma maior familiaridade com os objetos de pesquisa, buscando realizar um levantamento bibliográfico e compreender melhor os temas e os fenômenos dessa pesquisa, explorando e construindo hipóteses para o problema de pesquisa a fim de identificar e preencher algumas lacunas encontradas no estudo. Dessa forma, a pesquisa exploratória pretende aprimorar e explicar um tema para que posteriormente outras pesquisas validem suas hipóteses.

Ao contrário da pesquisa descritiva que analisa e interpreta os dados buscando descrever suas causas e elencar variáveis, a pesquisa exploratória procura conhecer e analisar um tema pouco explorado de forma a aprimorar as ideias e chegar a uma hipótese. Quando comparamos as duas percebemos que a pesquisa exploratória tem um objeto de estudo menos conhecido e por isso procura contribuir para levantar novas ideias e uma nova visão sobre determinado tema enquanto, por outro cenário, a descritiva investiga um tema mais conhecido e familiar tanto para o autor quanto para a ciência.

Antes de dar início a nossa análise da edição escolhida, é necessário retornar e realizar uma breve descrição do que estava sendo publicado anteriormente, no volume 3 dos

quadrinhos do Capitão América. Pegando as últimas cinco edições do volume, que constituem uma parte contínua de um história, é possível verificar uma narrativa e um contexto totalmente diferente de seu próximo volume. Nesses quadrinhos, observamos um contexto de fúria e ódio disseminado por um personagem que ainda não foi identificado e que incentiva funcionários a cometer ataques e crimes violentos. Ainda, paralelamente a este cenário, Nick Fury⁴⁴ e Dum Dum Dugan⁴⁵ aparecem se preparando para um funeral. Os dois descobrem que os trabalhadores estão sendo controlados pela mente e acabam matando pessoas e turistas inocentes e não trabalhadores de fura-greve como imaginavam. Suas investigações denotam que o homem não identificado seria Adam Hauser⁴⁶ e que ele está trabalhando com o Caveira Vermelha para estimular crimes de ódio e motins raciais.

A sequência das imagens e falas deixa subentendido que o funeral mencionado acima seria o do Capitão América que foi atrás do Caveira Vermelha no Golfo do México. Ele consegue chegar ao navio subaquático onde Caveira Vermelha estaria, mas ao se deparar com ele é ejetado do transporte. Por pouco não foi atingido pelos canhões acionados pelo Caveira Vermelha, mas é salvo por Sharon Carter⁴⁷ e por Namor, que se junta ao Capitão América na missão de lutar contra o Caveira Vermelha. Enquanto isso, Hate-Monger e Caveira agem trazendo diversas pessoas controladas a bordo do navio. Ainda, o Manda-Ódio está mais poderoso agora, graças a nova versão do Cubo Cósmico que ele e o Caveira Vermelha criaram. A tentativa de Sharon Carter, Namor e Capitão América falhou, pois, ao tentar novamente a abordagem contra o Caveira Vermelha ficaram presos e dominados.

O Caveira Vermelha aproveita o momento para testar o equipamento de controle da mente e disseminação de ódios no Sentinela, tentando encontrar faíscas de ódios escondidas nele, porém, nota que ele não sucumbe e que se agarra a sua vontade, ideais, amor e tudo o que ele representa. No entanto, o mesmo experimento não se concretiza do mesmo jeito em Namor, que se descontrola e parte para lutar com o Capitão América, mas depois ele é capaz de entrar

⁴⁴ Nicholas Joseph Fury é dentro do Universo Marvel uma peça e figura muito importante. Foi um ex-coronel que serviu no Exército dos Estados Unidos e veterano de espionagem da CIA durante a Guerra Fria. Teve um grande esforço e vontade de unir e organizar a iniciativa dos Vingadores e conseguiu recrutar o Capitão América e o Homem-Aranha.

⁴⁵ Timothy Dugan foi parceiro e serviu junto a Nick Fury durante a Segunda Guerra Mundial. É uma das pessoas mais próximas de Nick e segundo no comando da SHIELD. Ele é conhecido pela sua precisão no tiro e por seu chapéu.

⁴⁶ Conhecido como Mestre do ódio ou Hate-monger, Hauser é um dos super vilões do Capitão América. Ele é um clone criado como um presente para Adolf Hitler a partir de seu DNA.

⁴⁷ Sharon Carter é sobrinha de Peggy Carter, a fundadora da SHIELD. Seguindo a tia, entrou na organização e recebeu a missão de espiar o Capitão América a pedido do Nick Fury e acabou construindo uma relação próxima com ele.

em sua mente através das palavras e o príncipe retorna ao normal. Ao final, todos conseguem sair das amarras e acabam derrotando tanto o Caveira Vermelha quanto o Manda-Ódio, tirando os trabalhadores do transe e o enfraquecendo.

Acabando com o suspense, a edição #48 mostra que o funeral na verdade é para Bucky, melhor amigo e companheiro do Capitão. Neste evento, o Capitão aparece acompanhado da irmã de Bucky, Rebecca Barnes. A ideia era dar uma despedida concreta e adequada que ele nunca recebeu de fato. Bucky acaba recebendo também uma escultura e uma bandeira norte-americana em sua homenagem. Neste local, Bucky tem a presença de diversos amigos, heróis e personagens que buscam se despedir oficialmente dele.

No fim, as últimas duas edições contêm um contexto mais amistoso e amigável, exibindo o Capitão América e seu amigo, Sam Wilson, pescando e discutindo sobre gosto e os relacionamentos amorosos falhos de Steve. Na figura 23, compilamos as capas das edições descritas.

FIGURA 23- Últimas capas do Volume 3 do Capitão América



Fonte: Marvel Fandom, 2001-2002

Por último, a história da edição #50 mostra um pai que acabou de perder o emprego um pouco antes do Natal e que se vê cheio de contas e dívidas. Mas ainda assim, decide ir em uma loja de brinquedo em busca de um presente quando presencia a luta entre o Capitão América e o Homem-Absorvente. Usando os brinquedos da loja, Lloyd ajuda o sentinela a derrotar o inimigo e a todo o momento está sendo televisionado. Por conta disso, Lloyd recebe do dono do banco onde ocorreu a briga um cheque de 20.000 dólares, garantindo os brinquedos que foi buscar no primeiro momento para sua filha e o pagamento de suas despesas.

Desta forma, o volume 3 dos quadrinhos finaliza após os acontecimentos do 11 de setembro. No seu volume subsequente, como iremos ver a seguir, terá como sequência uma guinada de terror, insegurança, ódios e outros sentimentos que iremos apresentar a seguir.

Com uma diferença de apenas 4 meses, a próxima edição dos quadrinhos é lançada (Figura 24).

FIGURA 24- Capas das 6 primeiras edições do Volume 4 da série



Fonte: Marvel Fandom, 2002

Coincidentemente, os eventos do 9/11 ocorreram na preparação do novo volume dos quadrinhos e prontamente, o novo contexto geopolítico foi escrito, retratado e incorporado nela. Partindo para o volume 4 desses quadrinhos, o seguinte parágrafo irá descrever brevemente o conteúdo delas. As edições são compostas por muitas imagens, falas e pensamentos do personagem, possuindo pouca interação e diálogos com terceiros, apesar de possuir conversas e debates com outros personagens.

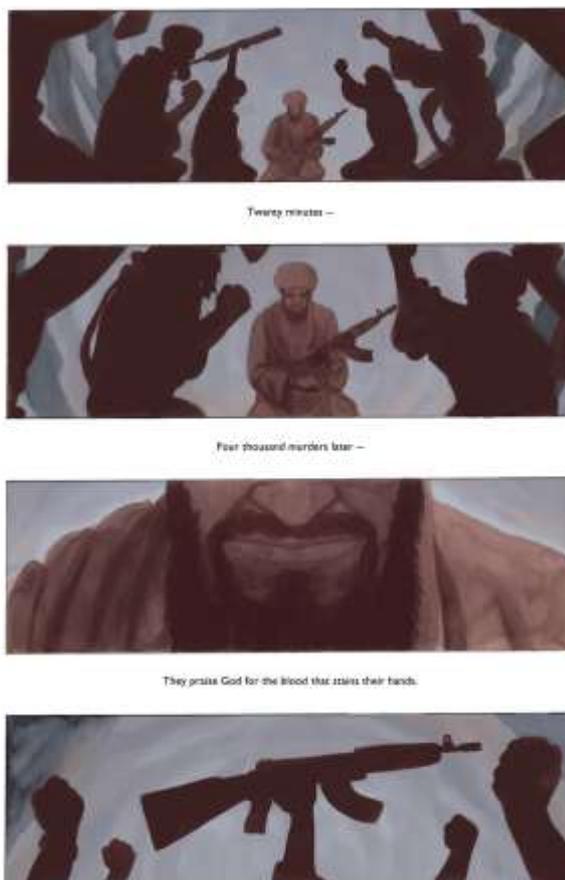
Em primeiro momento, resumidamente, as 3 edições iniciais são mais históricas e descritivas, mostrando como os ataques ocorreram e um pouco dos trabalhos de resgate e até mesmo o empenho do Capitão em salvar alguém. Ainda, na primeira edição mostra uma das consequências na sociedade norte-americana após o ocorrido, a islamofobia. Ao decorrer, nas próximas 3 edições o Capitão busca explicações sobre um dispositivo, chamado na revista de CATtags, que deveria ser de uso exclusivo das forças militares do país, mas que foi encontrado nas mãos de um de seus inimigos. O personagem então viaja em busca de esclarecimentos sobre o ocorrido. No entanto, Capitão se vê preso em duas situações: um combate com pequenos soldados aliados ao seu inimigo e a necessidade de salvar um grupo de pessoas das mãos do próprio inimigo. Mesmo após a resolução dessas situações, o Capitão América se vê descobrindo cada vez coisas novas sobre seus comandos e líderes e sobre seu país. A série termina com algumas reflexões e com a vitória do nosso herói.

Em contraste com a edição e capa do Homem Aranha vol. 2 #36 que traz sua capa em tom escuro denotando o luto, no volume 4 do Capitão América temos o Sentinela em primeiro plano ganhando destaque com o dedo apontando para frente. Sua postura indica a sua posição de defesa e líder, coordenando e conduzindo os soldados que estão abaixo no plano inferior. Sua próxima página ilustra o que seria o início dos atentados, apresentando um grupo de pessoas à espera dos sequestros dos aviões. Ainda, é retratado em um dos aviões um dos terroristas com um estilete, objeto que foi utilizado para hostilizar e render os passageiros e tripulação.

Em sequência, a terceira página traz uma figura central que pode ser vinculada ao mandado dos atentados, Osama Bin Laden. Com ele, é possível identificar outras pessoas que no momento aparecem comemorando a efetividade das quedas dos aviões, agradecendo ao seu deus e levantando as armas (Figura 25). Nessas páginas, um texto acompanha essas imagens: “[...] They praise God for the blood that satins their hands”, isto é, “eles agradecem a Deus pelo sangue que mancha suas mãos” (tradução nossa). Segundo Dittmer (2005), “essas páginas estabelecem uma clara dicotomia entre os que estavam dentro e o que estão fora viajante

inocentes e desavisados em um voo doméstico, e um invasor estrangeiro distante.” (tradução nossa, p. 637) ⁴⁸.

FIGURA 25- Osama Bin Laden e terroristas comemorando



Fonte: Captain America, nº 1, pág. 5, 2002

Assim, podemos perceber a clara diferença de percepções e visões dos atentados daqueles que arquitetaram e para aqueles que sem saber fizeram parte do evento. Neste mesmo sentido, Pecequillo (2001 apud IBRI, 2001, pág. 4) comenta que o episódio foi visto com indignação por alguns, mas para outros houve a comemoração ao imaginar que as primeiras ruínas do arrogante império foram construídas. Ainda, para a mesma autora, os ataques tinham um contexto mais amplo: a contestação da dominação hegemônica, cuja supremacia militar não

⁴⁸ “These pages set up a clear dichotomy of insiders and outsiders, of innocent and un-suspecting domestic airline travelers, and of distant, foreign intruders.” (DITTMER, 2005, p.637).

poderia ser combatida, mas cuja sociedade apresentava fissuras (PECEQUILO, 2011 apud Pecequilo, 2012, pág.20).

Na próxima página, em meio a uma nuvem de poeira, destroços e caos aparece um Steve Rogers se perguntando como aquilo foi acontecer. Assim como o Capitão América, o mundo todo se encontrou descrente em relação a tragédia. Dalby (2004, p.67 apud Dittmer, 2005, p.637) nota que o script do 11 de setembro está pautado na presunção de que a América em si era relativamente imune ao terrorismo (tradução nossa)⁴⁹. Tal percepção, segundo Pecequilo (2001, pág. 1 apud IBRI 2001) não vinha somente do fator geopolítico, da proteção trazida pelos oceanos Atlântico e Pacífico ou pela relação de amizade existente ao norte com o Canadá e ao sul com o México, mas de uma realidade concreta.

O capitão, então, tenta de todas as formas auxiliar e resgatar algum sobrevivente dos escombros das Torres Gêmeas, mas sem sucesso. Sua chegada e ajuda é tardia. Em suas falas, destaca-se a incredulidade e salienta o sentimento de força e de união em meio ao acontecimento, pois perder a fé neste momento obscuro fará com que nada mais importe. Como elenca Bush em seu segundo discurso após o fato “a determinação da nossa grande nação está sendo testada, mas não se enganem. Nós vamos mostrar ao mundo que vamos passar neste teste”⁵⁰. Nessas primeiras páginas, a maior mensagem passada é a da força e da esperança para que todos consigam passar por isso, não deixando o outro lado “ganhar”.

Na sequência, o Capitão América é questionado onde ele estava no momento das catástrofes. A indagação aciona ainda mais o sentimento crescente de culpa. Culpa por não estar no momento, por não impedir e por não, no momento dos quadrinhos, conseguir salvar vidas. Ainda, além da culpa, Capitão apresenta um semblante de tristeza e frustração. Assim como outros companheiros e principalmente, o Homem Aranha, por ser nova iorquino, os heróis passaram por momento de reflexão e decepção com seus poderes e capacidades, pois mesmo com eles não foi possível impedir que os atentados ocorressem.

Mais tarde (Figura 26), a culpa e a tristeza dão lugar para a raiva e sentimento de punição. Ao conversar com um voluntário no local, o capitão tenta saber quem foi o responsável pelos ataques. Para ele, é necessário ter certeza, pois isso é guerra⁵¹. Para os Estados Unidos, os ataques também foram atos de guerra, com a presidência e suas agências assumindo a promessa de encontrar e caçar os culpados pelos atentados (Pecequilo, 2001 apud IBRI, 2001, pág. 3).

⁴⁹ “The assumption that America itself was relatively immune to terrorism [...]” (DITTMER, 2005, p.637)

⁵⁰ “The resolve of our great nation is being tested but make no mistake. We will show the world that we will pass this test.” (AMERICANRHETORIC, 2001, p. 2)

⁵¹ “We have to be sure. This is war” (Captain America nº1, p.14, 2002).

Contudo, como a realidade se mostrará, a tarefa não será e não é fácil, mas é preciso definir contra quem e onde como retrata os autores. Neste sentido, (Ditmer 2005) argumenta que a construção desta fala é interessante, pois estabelece que a guerra não foi algo escolhido, mas sim imposta à América (tradução nossa)⁵². Ainda, para o autor existe outra coisa intrigante:

[...] e a segunda coisa interessante sobre essa passagem é que, enquanto o diálogo se desenvolve, a ação é vista da perspectiva da terceira pessoa, vê-se Rogers e o voluntário cobrindo o cadáver. Nas falas finais, “Nós temos que ter certeza. Isto é guerra”, nos é dada a perspectiva do cadáver, olhando para Rogers. Em uma guerra entre a América e os terroristas, não há ilusão de qual lado o leitor está. O leitor é colocado, subjetivamente, no lugar das vítimas no World Trade Center (DITTMER, 2005, p.638, tradução nossa)⁵³.

FIGURA 26- Capitão afirmando que é guerra



Fonte: Captain America nº 1 p.14, 2002

Horas depois dos ataques, Bush se dirigiu ao rádio e a televisão de forma categórica, informando a população que os atos são considerados como guerra e que os Estados Unidos estavam em guerra contra o terrorismo. Em sua segunda manifestação, utilizou frases de efeito

⁵² “[...]it establishes that war is not a choice; it is a state that America has found imposed upon it.” (DITTMER, 2005, p.638).

⁵³ “The second interesting thing about this ex-change is that while the dialogue is taking place, the action, viewed from the third person perspective, is of the rescuer and Rogers covering the corpse. The final lines, “We have to be sure. This is war,” are given while the view is from the perspective of the corpse, looking up at Rogers. In a war between America and the terrorists, there is no illusion of which side the reader is on. The reader is subjectively put in the place of the victims at the World Trade Center.” (DITTMER, 2005, p.638).

como “a liberdade foi atacada”, “Os Estados Unidos irá caçar e punir os responsáveis” e “a América está sendo testada”. Por meio de seus discursos, ele construiu o inimigo e utilizou isso como justificativa para suas invasões e intervenções como necessárias para o equilíbrio internacional e para a caça ao terror. E segundo a observação do escritor Eliot Weinberg (2003 apud Bandeira, 2017, pág. 685), “a administração de George W. Bush converteu um pequeno grupo de criminosos em um inimigo de grande envergadura a fim de justificar uma escalada e uma intervenção militar”.

De acordo com Teixeira (2007 apud Leite, 2009) o novo inimigo, o terrorismo transnacional, não se identifica com nenhum Estado, não tem território e não estabelece nenhum tipo de complementariedade econômica com seu adversário. Dessa forma, para os Estados Unidos, entrar nessa guerra significa que ele pode definir a cada momento e de forma conveniente para ele, quem é e onde está o rival perpetuando uma guerra. Além disso, Bandeira (2017) elenca que o único beneficiário da guerra ao terrorismo foi o próprio presidente que conseguiu a partir dela se legitimar depois de uma eleição conturbada e contestada e assim, conseguiu robustecer-se no poder. Ainda, para ele “a intenção de desencadear a guerra contra o terrorismo para implantar o domínio do capital financeiro foi o que levou ao governo dos Estados Unidos a criar as condições que levou os atentados se consumassem”.

Momentos depois, Steve se depara com Nick Fury. Fury se encontra no local para chamar o Sentinela para uma missão em Kandahar, no Afeganistão. No entanto, Rogers descumpra a ordem e o comando. Assim, Fury complementa seu chamando trazendo senso de urgência e necessidade da presença do herói do outro lado do mundo. Isso o enfurece, levando a um confronto onde o Capitão pega Fury pela gola e o joga em cima de um dos escombros. Alterado e revoltado, Rogers pede que seu comandante olhe ao seu redor, pois ao contrário do que ele está falando e solicitando, quem está precisando de sua presença e ajuda é a sua nação e aqueles que ainda não foram resgatados. Sua postura revela uma característica do perfil do herói: ele é apesar de suas origens governamentais e para uso do governo, um individualista e um cidadão norte-americano humanista e pacifista. Nas palavras de Dittmer (2005), o Capitão América e com isso, o ideal americano, é patriótico sem ser um fantoche do governo; ele é um individualista robusto que ainda se preocupa com sua comunidade e nação; ele está disposto a defender o que acredita, mas em última análise é defensor do status quo (tradução nossa)⁵⁴.

⁵⁴ “Captain America (and thus, the American ideal) is patriot without being a government stooge; he is self-made, rugged individualist who still cares about his community and nation; he is willing to stand up for what he believes but is ultimately defensive of the status quo” (DITTMER, 2005, p. 633)

Pulando algumas páginas, o quadrinhos traz o recorte temporal de um dia antes onde mostra Steve andando sozinho em uma rua da cidade e ele faz um paralelo dessa mesma rua antes dos atentados acontecerem. Antes, havia pessoas andando normalmente, livremente e despreocupadas, mas no momento isso não ocorre mais. Ainda, nesta mesma rua Capitão encontra um jovem árabe-americano provavelmente saindo de seu emprego e o alerta do horário sendo perigoso para andar na rua. Todavia, o jovem retruca dizendo: “Eu moro aqui. Meu nome é Sami, não Osama. Meu pai nasceu nesta rua...”⁵⁵ (tradução nossa). Enquanto isso, no fundo também observamos um grupo de homens de olho no menino. Na sequência, Samir é atacado por um dos homens do grupo (Figura 27). O homem o acusa de ter matado Jenny.

FIGURA 27- Jovem árabe-americano é vítima de ataque



Fonte: Captain America nº 1 p.19, 2002

No entanto, seu ataque é impedido pelo Capitão que o protege com seu escudo. Em sua fala, Capitão América reforça a necessidade de a população ser forte e não deixar ser consumida pelo ódio e os acontecimentos. Nesse momento, os autores buscaram criticar esse tipo de ação determinada por sentimentos de ódio sem sentido e descomunal que levou a desavenças e preconceitos contra as pessoas, em especial aos árabes.

⁵⁵ “I live here. My name’s Samir not Osama. And my father was born on this street...” (Captain America nº1, p.25, 2002.)

Em um discurso, Bush expressou que os verdadeiros inimigos da América não são os amigos muçulmanos ou os amigos árabes, mas sim a rede terrorista radical e todos as suas alianças. Em outro discurso, no dia 17 de setembro, Bush relembra que “a face do terror não é a verdadeira fé do Islã” (tradução nossa)⁵⁶. Assim como todos os cidadãos norte-americanos ficaram chocados e indignados com a tragédia, os muçulmanos também ficaram. Em outra fala Bush reforça que é importante entender que esses atos violentos infringem os princípios fundamentais da fé islâmica. Por isso, todos os amigos árabes e muçulmanos “devem ser tratados com respeito assim como nosso companheiros devem tratar uns aos outros com respeito” (tradução nossa)⁵⁷.

Tanto a fala do presidente quanto o retrato dos quadrinhos tem como objetivo evitar essas agressões com a comunidade árabe-americana que surgiu no pós- atentados. Porém, ainda assim não foi o suficiente e para tal, o Congresso norte-americano lançou no dia 26 de setembro de 2001, a Resolução Anti-Intolerância que endossava:

Whereas all Americans are united in condemning, in the strongest possible terms, the terrorists who planned and carried out the attacks against the United States on September 11, 2001, and in pursuing all those responsible for these attacks and their sponsors until they are brought to justice and punished, Whereas the Arab American, South Asian-American, and American Muslim communities are a vital part of the Nation. [...] Whereas vengeful threats and incidents of violence directed at law-abiding, patriotic Americans of Arab or South Asian descent, particularly the Sikh community, and adherents of the Islamic faith have already occurred: Now, therefore, be it. Resolved by the House of Representatives (the Senate concurring), That the Congress:

(1) declares that in the quest to identify, bring to justice, and punish the perpetrators and sponsors of the terrorist attacks on the United States on September 11, 2001, that the civil rights and civil liberties of all American, including Arab-Americans, American Muslims, and Americans from South Asia, should be protected; and (2) condemns any acts of violence or discrimination against any Americans, including Arab-Americans, American Muslims, and Americans from South Asia (H. Con. Res. 227, 2001).

Mais adiante, o cenário é parcialmente resolvido quando o Capitão conversa com o homem que atacou Samir e busca explicar que seu ato não é justiça. Dessa forma, mantendo sua atitude calma, ele reitera seu respeito pelo multiculturalismo, diferentemente de sua nação

⁵⁶ “The face of terror is not the true faith of Islam” (AMERICANRETHORIC, 2001, p. 1)

⁵⁷ “[...] they need to be treated with respect. [...] our fellow Americans must treat each other with respect.” Idem, p.1.

que cultivava um sentimento hostil contra uma população (Wicks, 2009). Nesta cena, conforme Dittmer argumenta:

[...]seu monólogo interior não serve apenas como uma proscricção para o comportamento dos americanos e uma afirmação do poder militar americano, mas, simultaneamente, constrói a identidade, tanto da América quanto dos terroristas, como partes de uma dicotomia entre os que amam a liberdade e os que odeiam a liberdade que exclui outras possibilidades. (2005, p.638)⁵⁸

É habitual que em momentos de crises, os líderes dos países tendem a discursar sobre identidades nacionais e sobre crenças e isso tem como objetivo gerar confiança e apoio de sua população. Assim, os autores trouxeram monólogos reflexivos que foram paralelos com os discursos de Bush e essa construção de identidade. Depois do 11 de setembro vai ser comum a revalorização do patriotismo e dos valores considerados norte-americanos como a liberdade, individualismo e a grandeza do país e ainda, o enaltecimento das qualidades do povo, opondo-as com os defeitos e qualidades negativas do outro, os terroristas. Os últimos são caracterizados e construídos como irracionais e que buscam destruir os principais valores da sociedade norte-americana.

Após o 11 de setembro, o presidente George W. Bush teve que se comunicar com sua população de forma a acalmá-la, dar direções e construir seus argumentos para ações posteriores. Dentro do paradigma construtivista, como já apontado, o discurso tem o papel de construtor de ideias. O que diferencia de um autor para outro é a forma como o discurso é apresentado, se dentro de uma estrutura fixa ou relacionada diretamente à desconstrução da realidade (BUZAN; HANSEN, 2009). Assim, segundo Leite (2009), a construção das identidades se dá dentro de uma estrutura fixa, e os elementos discursivos ajudam a compreender como essas construções são feitas a partir do que é apresentado dentro dessa própria estrutura.

Para terminar a primeira série deste volume, somos lançados sete meses depois dos ocorridos e mostra o Capitão recebendo informações do Nick Fury sobre os CATag (Casualty Awareness Tracking). Fury em sua fala apresenta o novo inimigo do Capitão neste volume: o Al-Tariq e deixa subentendido uma situação de reféns a qual o capitão parece estar se preparando. Momentos depois, o Sentinela pula do avião em que estava com seu superior e se

⁵⁸ [...] his inner monologue serves not only as a proscricção for American behavior and a statement of American military power, but also simultaneously constructs both the meaning of America and the terrorists' identity as parts of a freedom-loving/freedom-hating dichotomy that fore-closes other possibilities." (DITTMER, 2005, p.638).

encontra em meio ao caos, novamente. Em sua mente, ele reforça que os atos que estão sendo realizados são atos de guerra (Figura 28). Apesar dos escombros, caos e poeira, o Capitão se enche de esperança em relação as vítimas, pois desta vez, talvez, ele possa resgatar e ajudar alguém.

FIGURA 28- Capitão chega em sua nova missão



Fonte: Captain America nº 1 p.33, 2002

Em seguida, adentramos na segunda edição do volume 4 e ela nos apresenta já em sua primeira página o sequestro de uma das vítimas do atentado em uma cidade fictícia, Centerville. Centerville, com seu nome que literalmente significa “média América” e população esmagadoramente branca (apenas um afro-americano é visível no episódio inteiro de Al-Tariq) é claramente evocativa da mitologia do “Heartland” americano e ressoa como Edensor (2002, 50-51) se refere a uma “paisagem cotidiana” (Dittmer, 2005, p. 639 tradução nossa)⁵⁹. Ainda, na primeira página descreve o terror de forma simples e cruel. Para aquela personagem, o terror é o ódio cego que queima nos olhos de estranhos (Captain America, 2002, nº2, p. 2 tradução

⁵⁹ “Centerville, with its literally “middle America” name and overwhelmingly white population (only one African American is visible in the entire al-Tariq episode), is clearly evocative of the American heartland mythology and resonates as what Edensor (2002,50-51) refers to a “quotidian landscape” (DITTMER, 2005, p. 639)

nossa)⁶⁰. Essa afirmação pode ser relacionada com a construção do outro que foi criada para os terroristas, pois eles são aqueles que odeiam a liberdade e a América, paralelamente, o Capitão América, representa e tem em sua identidade a liberdade. Bush em um de seus discursos na Câmara ratifica essa diferenciação e diz que:

Eles odeiam o que o veem bem aqui nessa Câmara: um governo democraticamente eleito. Seus líderes são autodesignados. Eles odeiam nossas liberdades: nossa liberdade religiosa, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de votar e de reunir-se e de discordar uns dos outros. (BUSH, 2001, tradução nossa)⁶¹

Nessa construção, Bush define os Estados Unidos e seu povo como simpatizantes das liberdades e da democracia, o que leva ao ódio crescente em seus inimigos. Para ele, os atos foram, de tal forma, uma tentativa de apavorar e instaurar o medo e a insegurança na população. O que não vingou, segundo o Presidente. No mesmo dia do atentado, Bush realizou um discurso na Base Área de Barksdale e garantiu que o ataque que foi projetado para separar a nação na verdade teve seu efeito contrário e propiciou uma maior união entre o povo (tradução nossa)⁶².

Na página subsequente, Capitão fica a par da situação sendo informado de que 600 pessoas foram vítimas do atentado. Muitos reféns estão escondidos em um porão enquanto a outra parte estão no único lugar possível em um Domingo de Páscoa. Em sua análise, Dittmer (2005) verifica que foi criada uma contradição entre o cristianismo de Centerville e os islâmicos jihadistas desde a primeira imagem da cidade (Figura 29). Para ele, desde o início, podemos perceber a proeminência da cruz na visão periférica da cidade, dando um destaque e diferenciação para a religião na ilustração citada. Complementando seu pensamento, o autor explica que:

To further clarify the difference between Christianity and Islam, the last words of the preacher before the terrorist attack are: “It’s good to see so many visitors here this morning. Neighbors-you know we’re always glad to see you. Strangers-we hope you’ll give us a chance to know you better, after the service.” The openness and tolerance of Christianity is further exemplified by the image of the outside of the church, which dominate by a sign that says: “EASTER SERVICE: ALL ARE

⁶⁰ [...]” it’s the hat. The blind hate. Burning in a stranger’s eyes.” (Captain America, 2002, n°2, p. 2)

⁶¹ “They hate what they see right here in this chamber: a democratically elected government. Their leaders are self-appointed. They hate our freedoms: our freedom of religion, our freedom of speech, our freedom to vote and assemble and disagree with each other.” (BUSH, 2001)

⁶² “A terrorist attack designed to tear us apart has instead bound us together as a nation” (AMERICANRETHORIC, 2001)

WELCOME.” [...] While Islam is never explicitly mentioned, the references in the text are quite clear in their intended connotation for the reader (DITTMER, 2005, P.639).

FIGURA 29- Primeira ilustração de Centerville



Fonte: Captain America, nº1, 2002, p. 25

Na figura 30, podemos verificar o que Dittmer quis caracterizar em seu argumento. Na narrativa, a cultura e religião são cismas primordiais na política e conjuntura geopolítica. Assim, temos o estereótipo mainstream de que o Islã, em particular, é um exemplo de uma civilização que não se desgruda da violência religiosa, assimilando-se a ideia de “clash of civilizations” tal como Huntington conceituou. De acordo com Gregory (2004, p.58 apud DITTMER, 2005. P.639):

In the wake of September 11, this imaginative geography helped to define and mobilize a series of publics within which popular assent to—indeed, a demand, for—war assumed immense power. For many commentators, the attack on America was indeed a “clash of civilization” [...] other commentators used Huntington’s repeated characterizations of “Muslim wars” to degrade the very idea of Islam as a civilization.

A narrativa e os discursos nos quadrinhos não apresentam, por outro lado, a outra versão do Islã e os telespectadores acabam por concordar com as declarações. O leitor passa a acreditar que o Islã é capaz de assassinar milhares de pessoas em nome de sua religião. Dessa forma, apesar de apresentar o preconceito como uma atitude negativa da população naquele momento e apelar para que não cometam atos de ódio, os próprios quadrinhos reforçam, também, o preconceito religioso com o Islã ao não apresentar um outro cenário e/ou interpretação.

Figura 30- Easter Sunday



Fonte: Captain America, nº2, 2002, p.4)

Por esta ótica, tanto os ataques quanto as respostas a ele podem ser vistas e interpretadas por via de incompatibilidades de valores e culturas. Na visão de Bin Laden, a sociedade pan-islâmica havia sido explorada pelos ocidentais, sendo os Estados Unidos o maior representante (Landsford e Covarrubis, 2009 apud SANTOS, 2019, pág.53) e com os ataques e a liderança

de Osama Bin Laden o Irã retornaria com sua honra. Enquanto isso, para justificar seus atos e políticas no pós 11 de setembro, os Estados Unidos utilizaram a imagem do inimigo a seu favor, buscando afirmar sua inocência perante tais entendimentos. Para Chomsky (2001), é muito mais fácil personalizar o inimigo, identificando-o como o símbolo do mal supremo do que buscar entender o que está por trás das grandes atrocidades⁶³

Ainda nessa lógica, as próximas falas da edição 2 também explora a narrativa da América ser a causadora da miséria. Uma das vítimas, uma jornalista chamada Jessica Seldon, é coagida a transmitir a mensagem de atração e convocação do Capitão América. Seu convite é para o homem que é conhecido como o defensor do “Sonho Americano” morrer, pois ele deve pagar com sangue pelos crimes da nação de sangue (Captain America, n°2, 2002, p.9)⁶⁴.

Com isso, a partir da terceira edição dos quadrinhos a ideia de inocência dos Estados Unidos começa a ser questionada. Nela, é introduzida formalmente o novo inimigo do nosso herói, o Al-Tariq. O quadrinho em sua primeira página ilustra novamente com foco a cruz de Centerville e mostra depois Al-Tariq fazendo sua entrada na igreja onde estão as pessoas. Ele chega explicando o porquê aquelas pessoas foram escolhidas naquele dia para serem vítimas. Ele declara que alguns perguntam se irão morrer, enquanto outros já sabem disto. Mas aqueles que trabalham na fábrica de bomba da pequena cidade irão aprender naquele momento o significado de “quem semeia vento, colhe tempestade” (Captain America, n°3, 2002, p. 2 tradução nossa)⁶⁵. Enquanto isso, Capitão América que busca encontrar as vítimas se encontra com um grupo de jovens que o impedem de continuar o caminho. Os garotos estão caracterizados por vestimentas árabes com lenços que deixam a mostra somente uma parte de seu rosto. Eles ainda estão sob o comando de Al-Tariq e prontamente, atacam o Capitão. Durante o combate, é perceptível que o Capitão busca somente se esquivar, não avançando e fazendo movimentos bruscos em ataques, pois são somente crianças e para ele, “this is America. We don’t make war on children”⁶⁶ (Figura 31).

⁶³ “It is much easier to personalize the enemy, identified as the symbol of the ultimate evil, that to seek to understand what lies behind major atrocities.” (CHOMSKY, 2001, p. 10)

⁶⁴[...] “The man known throughout the world as the defender of the American dream—to—to die. To pay with his blood for the crimes of a nation of blood” (Captain America, n°2, 2002, p.9)

⁶⁵ “Some of you are asking your God why you will die today. Some of you know. Those of you who work at the bomb manufacturing facility at the edge of this peaceful town. Today you learn what It means—to sow the wind. And read the whirlwind.” (Captain America, n°3, 2002, p. 2)

⁶⁶ Captain America, n°3, 2002p.4

Figura 31- Capitão busca somente se esquivar dos ataques dos garotos



Fonte: Captain America, nº3, 2002p.4

Logo em seguida, Al-Tariq retruca, perguntando então quem foram os responsáveis por semear morte nos campos deles e quem foi que arrancou seus pés e mãos. Aqui, a revista dá foco para as mãos, pé e olhares desses garotos e assim, o Sentinela percebe que os garotos usam próteses metálicas em alguns membros. Nesta parte, podemos discorrer sobre as consequências da guerras e o que elas deixam para trás. O perigo das minas e granadas que são deixadas nas cidades. As heranças das guerras fazem vítimas até hoje, apesar das iniciativas de retiradas e desmontes.

No dia 7 de outubro, os Estados Unidos, juntamente com sua aliada, Grã-Bretanha lançaram a campanha global contra o terrorismo e passaram a bombardear, os campos de treinamentos da Al-Qaeda no Afeganistão, arrasando um país que vem sendo devastado por

duas décadas de guerras. Os ataques segundo Bandeira (2017) mataram cerca de 5000 civis afegãos, resultando em quase o dobro das vítimas dos atentados de 11 de setembro e atingindo em grande parte locais e instalações civis, corroborando para o argumento de Al-Tariq nesta cena. No entanto, segundo a narrativa de Bush em seus discursos a guerra não era contra o Islã e sua população, mas contra o terrorismo e o mal.

Esse maniqueísmo foi muito utilizado para reiterar a oposição criada entre os norte-americanos/ocidentais e os terroristas. Enquanto um lado representaria a bondade e compaixão, o outro seria caracterizado pelas maldades, crueldades e atrocidades incluindo líderes e apoiadores deles. Assim como os norte-americanos que não estiverem com os Estados Unidos ou a América nessa trajetória estariam contra ela, o mesmo discurso ocorre com essas nações aliadas. Para o presidente, o terrorismo busca combater os princípios ocidentais e por isso, as nações que compartilham esse ideal tem o objetivo de combater essa ameaça e ganhar essa luta entre o bem (ocidente) e o mal (oriente). Em 2002, ele afirma: “We are in a conflict between good and evil. And America will call evil by its name” (BUSH, 2002).

Na sequência, a reflexão é interrompida pelos próprios pensamentos do Capitão que o traz de volta para a realidade daquele momento, isto é, ele e o grupo de meninos. Neste pequeno lapso, um dos meninos se joga por trás do Capitão e outro explode as granadas que estão presas em seu peito. De forma instintiva, utiliza o seu escudo para se proteger e assegurar que um dos meninos que o atacou também não fosse ferido. A partir disso, este garoto passa a se questionar se foi enganado e manipulado por Al-Tariq. Assim como posteriormente alguns cidadãos irão questionar a efetividade e necessidade das guerras e suas sequelas.

O Capitão então o assegura que ele não é o inimigo assim como as pessoas feitas de reféns. Nesta mesma linha de pensamento, Bush em outubro de 2001 afirma que o país é amigo da população do Afeganistão e enquanto eles atacam seus alvos, também deixaram comidas, remédios e outros suprimentos. Os EUA só têm como inimigo aqueles que ajudam terrorista e criminosos bárbaros que cometem assassinatos em nome da religião (tradução nossa)⁶⁷. Dessa forma, assim como já comentamos temos a exploração da imagem do inimigo para justificativa de ambos os atos tanto nos quadrinhos quanto para as guerras subsequentes.

Retornando para o cenário do atentado e Centerville, as próximas páginas mostram o diálogo entre a repórter Jessica e o Al-Tariq. Em uma de suas falas, Jessica se refere a ele como

⁶⁷ “As we strike military targets, we will also drop food, medicine, and supplies to the starving and suffering men and women and children of Afghanistan. The United States of America is a friend to the Afghan people [...] The United States of America is an enemy of those who aid terrorists and of the barbaric criminals who profane a great religion by committing murder in its name” (AMERICANRETHORIC, 2001, p.2)

o líder do terroristas, contudo, ele logo nega isso dizendo que é somente um “mensageiro”. Tomando a dianteira afirma “eu sou um mensageiro, estou aqui para mostrar a verdade da guerra. Vocês que são os terroristas” (tradução nossa)⁶⁸. Em paralelo, Capitão corre para poder desta vez ser possível salvar todos ou alguém. Corre contra o tempo e nesta situação explica o porquê de no momento estar atacando e abatendo os soldados. Assim como o discurso de que os Estados Unidos não tiveram alternativas e por isso, justificam suas ações nesta base, o Capitão segue em frente, pois o inimigo não lhe deu escolhas. Reforçando assim como visto nos discursos do presidente a ideia da inocência dos Estados Unidos e da necessidade da Guerra Global contra o Terror.

Imediatamente, o Capitão reflete se “a luz que vemos lança sombras que não vimos... onde monstros como esse Al-Tariq podem plantar sementes de ódio?” (tradução nossa)⁶⁹. Sua fala vai de encontro com a construção dos discursos de Bush que reforça o mito da inocência. Paralelamente, Al-Tariq continua sua manifestação e indignação com os Estados Unidos (Figura 32)

Figura 32- Al-Tariq e seu protesto contra os EUA



Fonte: Captain America, nº 3, 2001, p.16

Logo após, o Capitão consegue chegar em Al-Tariq arremessando seu escudo contra ele, nocauteando-o. Logo depois, Capitão finalmente consegue aniquilar Al-Tariq dando carta branca para os reféns saírem da igreja em segurança. Para finalizar a edição, Capitão pede um momento nas câmeras querendo realizar um anúncio e uma revelação. Em seu depoimento final, ele diz:

⁶⁸ “I am a Messenger- here to show you the truth of war. You are the terrorists” (Captain America, nº3, 2002, p. 14)

⁶⁹ Captain America, nº3, 2002, p. 16

“Where I stand, I don’t see war. I see hate. I see men and women and children dying-- because hate is blind. Blind Enough... to hold a nation accountable for the actions of a man. I can’t be part of that, after what I’ve seen today. America didn’t kill Faysal Al-Tariq. I did” (Captain America, nº3, 2002, p.22-23).

Nessa parte, Capitão retira sua máscara e revela sua identidade a todos os telespectadores da TV naquele momento. Com esta ação, o Sentinela declara e reafirma seu perfil individualista e assume a culpa e as consequências dos seus atos, como a morte de Al-Tariq. Novamente não se submete a ordens oficiais ou ao aparato do governo, deixando de lado, no momento, sua função de símbolo representativo dos EUA. Apesar disso, não pode ser considerado uma pessoa comum já que, ainda possui determinação em lutar e defender o seu país. Suas ações para ele devem somente ter sequelas para ele e não para os demais povos. Contrário à sua primeira aparição e construção, o novo perfil do Capitão América demonstra ser antibelicista e ainda mais inflexível em seus valores morais.

Com isso, o novo Capitão América descobre que o mal e a guerra não surgem somente nos limites exteriores de sua nação, mas eles são construídos dentro de suas divisas. Esse é um dos questionamentos que fizeram parte do debate nos Estados Unidos após os atentados de 11 de setembro. E apesar das ações dos EUA serem caracterizadas por Davis (2008 apud PEDROSOS, 2014, pág. 52) como antidemocráticas e criminosas no mundo muçulmano, sua população não deve sofrer as consequências pelos atos e falas de seus líderes. Essa é a maior reflexão que a terceira edição dos quadrinhos do Capitão América constrói e traz para seus leitores. Da mesma forma, a população do Afeganistão, Iraque e outros países do chamado “Eixo do Mal” não deveriam sofrer.

Segundo a concepção de Noam Chomsky, os EUA é um “leading terrorista state”, isto é, lidera os atos de violência em nosso mundo. Ao longo dos anos, em sua construção e expansão, os Estados Unidos e seus alinhados europeus realizam ações violentas em prol de seus objetivos e interesses, ocasionando vítimas inocentes e um crescente ódio por eles. Contudo, esse atos tiveram consequências pautadas na repulsão e no ódio a essas culturas ocidentais e ainda, uma transformação: a direção em que as armas estavam apontadas mudaram (CHOMSKY, 2002).

Conforme Chomsky (2002), desde a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos passaram a expandir e exercer um maior poder ao redor do mundo, mas tudo isso pautado em violência contra outros e em outros lugares. Sendo assim, na concepção do autor, um dos maiores terroristas. As ações dos Estados Unidos na Arabia e na região do Oriente Próximo

instauraram e escalaram o ódio por estas populações e figuras. Todavia, desta vez o território nacional foi alvo de suas práticas e realizações nos quintais dos outros. Além disso, a política da Guerra contra o Terror e a Doutrina Bush intensificaram e fortaleceram o ódio instaurado contra os Estados Unidos e a Europa.

Sobre isto, Ricupero afirma que:

Um outro tipo de inocência iria, porém, nascer dos atentados contra Nova York e Washington, assim como da devastadora reação norte-americana contra o Afeganistão e o Iraque: a tese superficial do novo Império Romano, a ideia ingênua de que o poder militar dos Estados Unidos, somado a seus recursos econômicos, lhes permitiriam fazer o que bem entendessem, inclusive dando plausibilidade a projetos bizarros como o de recriar o Iraque e o mundo árabe inteiro à imagem e semelhança do modelo ianque (RICUPERO, 2003, pág. 13 apud RODRIGUES, 2017)

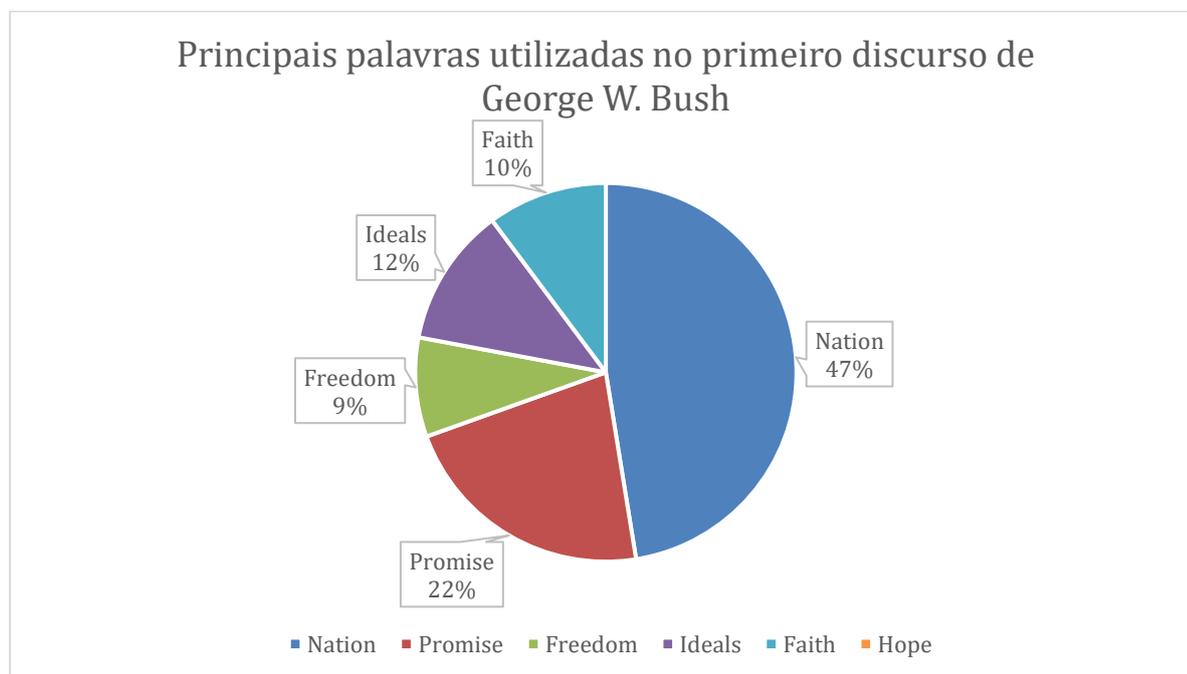
Sidney Lens, corroborando com o pensamento, também afirma que uma América generosa não existe e nunca existiu (LENS, 2003 apud PEDROSO, 2014, pág. 56). Nesta edição, podemos verificar que essa ideia foi rejeitada e foi descoberta pelo Capitão América que não tinha o conhecimento das consequências das ações de liberdade dos Estados Unidos e por isso, ficou surpreso ao ver as crianças com os membros mutilados. Em sua crença, rege o mito de inocência do seu país.

Esta ideia não está somente enraizada no Capitão América, mas na população norte-americana como um todo que vê seu país como uma exceção. O excecionalismo assume uma ideologia de superioridade de uma identidade nacional sobre as outras. Dessa maneira, os Estados Unidos são vistos como um exemplo moral e político para o mundo, assim como aquele que tem o dever de expandir esses valores para o restante do mundo, ratificando a premissa do Destino Manifesto (DOMINGOS, 2015). A cultura política do país foi altamente explorada pelo Presidente Bush em seus discursos, dando ênfase ao mito do país ser o grande defensor da liberdade e dos costumes ocidentais, bem como o Destino Manifesto, exemplificado acima. Essa noção penetrou e se inseriu na cultura e no imaginário norte-americano fazendo com que muitos acreditassem que os EUA fossem uma “supernação”, que tem uma missão muito especial de liderar e salvar o mundo, o que pode ser visto, dentro dos super-heróis, no Capitão América (PEDROSO, 2014, pág.102).

Em seu primeiro discurso como o presidente dos Estados Unidos, no dia 20 de janeiro de 2001, Bush construiu um discurso mais pautado na ideia de nação e na promessa de uma melhoria na sociedade norte-americana, além de enfatizar os ideais do seu mito fundador.

Assim, Bush reforça as crenças nos princípios e as populariza de forma a promover para as gerações futuras, reconstruindo a identidade nacional e a imagem dos EUA como um país forte. Na Figura 32, podemos verificar como neste primeiro discursos estavam divididos os principais temas abordados. Para a elaboração da figura foi utilizado o recurso de auto codificação do Nvivo somente no primeiro discurso de inauguração na cadeira de presidente.

FIGURA 33



Fonte: Elaboração própria, 2022

Este ideal e mito foi proferido como justificada para a caçada aos terroristas logo após o acontecimento, mas também para a invasão do Iraque com objetivo de depor Saddam Hussein. Em 2003, quando o presidente foi anunciar a operação “Iraqi Freedom” Bush utilizou frases como “as forças americanas estão na operação de desarmar o Iraque, para libertar o seu povo, e para defender o mundo dos graves perigos” (tradução nossa).⁷⁰ Ou ainda, “as pessoas que você libertar testemunharão o espírito honrado e decente das forças armadas americanas (tradução nossa).⁷¹ E ainda completou com “chegamos ao Iraque com respeito por seus cidadãos, por sua grande civilização e pelas crenças religiosas que praticam. Não temos

⁷⁰[...] “American forces are in the early stages of military operations to disarm Iraq, to free its people, and to defend the world from grave danger.” (AMERICANRETHORIC, 2003, p. 1)

⁷¹ “The people you liberate will witness the honorable and decent spirit of the American military” (AMERICANRETHORIC, 2003, p. 1)

nenhuma ambição no Iraque, exceto remover sua ameaça e restaurar o controle do país para seu próprio povo.” (tradução nossa).⁷² Explorando a cultura e resgatando os mitos norte-americanos em suas palavras, Bush mobilizou a opinião popular sobre o assunto para que o apoiasse nessas medidas e nas demais que iria tomar.

Dando continuidade à análise, vamos verificar que nas próximas e últimas edições, o Capitão América vai ter mais contato e mais entendimento sobre as sequelas das ações dos Estados Unidos ao redor do mundo. Em sua quinta edição, Capitão se encontra em um avião embarcando para Dresden. Ao seu lado, uma passageira o reconhece e logo começa a conversar. Logo, ela toca no assunto mais falado por todos: a Guerra ao Terror. Ela descreve que é confuso para ela e para a população acompanhar os acontecimentos, com quem ele luta, onde ele está lutando e o que ele de fato está lutando. Ela chega a dizer que acredita que ele não sabe no que acredita e no porquê ele ainda luta. Capitão América logo retruca que ele sabe sim o motivo de sua luta e é porque ele não quer ver a Terceira Guerra Mundial. O sentimento de medo e insegurança foi uma sequela tão grande naquele momento que o pensamento da população estava atrelado a uma faísca para uma terceira grande guerra. Mas esta guerra diferentemente das demais com “quem” seria?

Se a ameaça clássica é formada por um Estado inimigo com força e munição, a percepção de guerra e do terrorismo na virada do século foi mudada. Apesar de não haver congruência dos estudiosos para o conceito, muitos classificam o terrorismo pelo caráter não estatal dos atores que buscam por meio de atos violentos aterrorizar a população civil com objetivos de cunho político, ideológico e/ou religioso (MELLO E SOUZA, NASSER et al. 2014). O elemento principal do terrorismo é seu papel de provocar um sentimento de pavor e talvez esse efeito psicológico seja sua principal ameaça. Nunca saber onde, quando e quem pode atacar torna esse efeito permanente nas vidas das pessoas. A complexidade na compreensão e definição desses novos conceitos foi sentido tanto pela população como pelos estudiosos que passaram a ter dificuldades para estabelecer e identificar as possíveis ações terroristas. Esses questionamentos e dúvida foi bem retratado no início dessa quinta revista.

Ao final da edição, Capitão chega à cidade de Dresden e começa a ponderar sobre os ocorridos na cidade em 1945 quando foi para derrotar Hitler e o nazismo. Capitão reflete então sobre as vítimas desse dia. Muitas pessoas morreram e elas não eram soldados, mas ainda assim,

⁷²“We come to Iraq with respect for its citizens, for their great civilization, and for the religious faiths they practice. We have no ambition in Iraq, except to remove a threat and restore control of that country to its own people” (AMERICANRETHORIC, 2003, p. 2)

morreram. Ele retorna para o dia 13 de fevereiro de 1945, quando a força área Britânia e seus aliados lançaram um ataque à esta cidade alemã. Foram despejadas quase 4 mil toneladas de bombas neste ataque que ocasionaram a morte de quase 25 mil pessoas. Assim como em Dresden, outras cidades também foram sofrerem bombardeios dos Aliados, matando milhares de pessoas.

Em sua reflexão, Capitão afirma que a população de Dresden não entendia o porquê dos atos dos Aliados na cidade, mas que poderiam entender com o 11 de Setembro. Capitão crítica e questiona então o que ocorreu, pois apesar de levar a caída do nazismo e da força alemã e com isso, aproximou o fim da Segunda Guerra Mundial, quem pagou o preço, novamente, foram os civis. Os ataques que aumentaram o terror e mataram milhares de civis foi repetido agora contra um dos Aliados, os Estados Unidos A história também iria se repetir nas seguintes guerra como a do Afeganistão e a do Iraque que levou a um saldo estimado entre 897 mil e 929 mil pessoas, englobando desde militares norte-americanos a civis e jornalistas. O número, no entanto, não integra as pessoas que morreram indiretamente causadas pelas doenças e falta de recursos básicos.⁷³

A continuidade e manutenção do conflito até pouco tempo atrás levou ao descontentamento e impopularidade dos governos, ocasionando também a falta de apoio e crença da população nas justificativas e interesses do governo. A população também chegou à conclusão de que a guerra do Afeganistão e a invasão do Iraque não foram suficientes para tornar o mundo mais seguro do terrorismo. A invasão do Iraque ainda ocasionou uma grande crise de legitimidade da Organização das Nações Unidas (ONU) que passou a ser questionada por alguns atores e analistas em relação a sua efetividade de deter uma agressão.

Ainda assim, para Bandeira (2017), os atentados de 11 de setembro e a guerra global contra o terrorismo formaram um clima favorável para os Estados Unidos lançar uma mudança nas legislações de defesa, instituindo por exemplo o Ato Patriota, regras de censura e restrição de liberdades civis pelo Estados. Como suporte a essas transformações e ações foi criado, também, o Departamento de Segurança Doméstica (Homeland Security) e o USNORTHCOM (Comando do Norte). Dessa forma, apesar dos efeitos negativos como apresentado acima, os Estados Unidos tiveram uma prerrogativa que deu a capacidade de mudar seu perfil de defesa

⁷³ GALILEU. **Guerra ao Terror causou 900mil mortes e custou US\$ 8 tri, estima estudo.** Redação Galileu: São Paulo, 2 de set. de 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2021/09/guerra-ao-terror-causou-900-mil-mortes-e-custou-us-8-tri-estima-estudo.html>. Acesso em: 4 de out. de 2022

e construir suas ações unilaterais e preemptivas a fim de executar operações clandestinas e viabilizar os interesses nacionais dos Estados Unidos (BANDEIRA, 2017).

Nesse sentido, Bush introduziu as intervenções e mudanças em sua política externa e a intensificação dos aparatos da defesa doméstica na finalidade de encontrar os culpados e responsabilizá-los dentro de seus discursos. Além disso, buscou direcionar seus discursos para seus aliados, aquelas democracias que defendem a liberdade e paz, mobilizando sua população e a comunidade internacional nessa batalha contra o terrorismo. Nessa estrada, Bush e suas alianças são responsáveis pela garantia da estabilidade e da segurança do mundo. No seguinte trecho, observamos a forma como ele constrói essa mobilização:

“Esse inimigo atacou não apenas nosso povo, mas todas as pessoas que amam a liberdade em todo o mundo. Os Estados Unidos da América usarão todos os nossos recursos para conquistar esse inimigo. Vamos reunir o mundo. Seremos pacientes, focados e firmes em nossa determinação” (AMERICANRHETORIC, 2001, tradução nossa)”.

Como basilar dessas políticas e ações, Bush formulou o documento de “Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos” que trazia as formas de intervenções que os EUA realizariam nos demais Estados. Neste documento, Bush caracteriza a guerra preventiva e a guerra preemptiva e indica o uso de ambas, diferencia e classifica os Estados em “fracos” e “falidos”, reafirma a expressão “Eixo do Mal” e insere alguns Estados dentro desse termo e por fim, difunde os valores e princípios democráticos. Com ele, Bush tem mais uma justificativa para suas intervenções, pois acaba de vincular a guerra ao terror aos Estados “fora da lei”. Esses atos e ações que foram característicos da Doutrina Bush foi visto por Todd (2002 apud Pecequilo, 2012, pág. 22) com um teor agressivo e com impactos possíveis tanto para o país quanto para o mundo. Em suas palavras:

Por causa da sua evidente inépcia, a retórica americana de ‘império do mal’, ‘eixo do mal’ ou de qualquer outra manifestação diabólica [...] leva-nos a sorrir ou a gritar [...]. Deve, todavia, ser tomada a sério embora descodificada. Ela exprime objetivamente uma obsessão americana pelo mal, denunciada para o exterior mas que, na realidade vem do interior [...] a ameaça do mal está efetivamente em todos os lados: renúncia à igualdade, ascensão de uma plutocracia irresponsável [...] (TODD, 2002 apud Pecequilo, 2012, pág. 22)

Ao fim da quinta edição, Capitão sofre uma explosão e inicia a sexta edição embaixo dos destroços novamente. Nas próximas páginas, o Sentinela se depara com um novo inimigo. Ele não é apresentado no primeiro momento, mas é identificado pelo Capitão pelo seu TAG no pescoço, remetendo aliança ou ao menos relação com os ataques ocorridos em Centerville.

Durante a confrontação, Capitão é apresentado, mais uma vez, as consequências das ações de seu país nas demais localidades do mundo. O Mestre dos Terrorista, como se identificou em seguida, começa a descrever o que o motiva em suas ações e seus aliados:

“[...] Guerrillas gunned my father while he was at work in the fields... With American bullets. American weapons. Where am I from? My father didn't know that the Cold War was at its height. Remember? When the Soviets was your great enemy? The evil empire? My mother didn't know that our nation was in the throes of an undeclared civil war between your allies and the allies of evil... When she ran to find her husband. My mother was interrogated and shot. Our home was burned. That fire gave me my face. But fire didn't make me a monster. You know your history, Captain America. Tell your monster where he's from.” (Captain America, nº6, 2002, p. 18-19)

Continuando o seu discurso, o inimigo começa a elencar a participação do Capitão nessas cruzadas e algumas localidades que os EUA deixaram seus rastros (Figura 34).

FIGURA 34- Mestre dos Terrorista discute com Capitão América



Fonte: Captain America, nº6, 2002, p. 20

Abalado, Capitão responde a acusação com um soco e declarando que seu povo não sabia, mas “agora nós sabemos. E esses dias estão acabados. Nós aprendemos com os nossos erros” (tradução nossa).⁷⁴ Sua fala reflete a hesitação dele e de diversos norte-americanos em aceitar esta realidade em que seu país não é inocente. Ressurge aqui, mais uma vez, o excepcionalismo norte-americano. Desde sua criação, formação e dias atuais este mito é incorporado no discurso e no cotidiano da população como forma de reforçar e promover a cultura e a identidade norte-americana. Bush em seu discurso de posse afirmou:

⁷⁴ “We know now. And those days are over—We’ve learned from our mistakes.” (Captain America, nº6, 2002, p. 21)

“Nós temos um lugar, todos nós, em uma longa história—uma história que continuamos, mas cujo fim não veremos. É a história de um novo mundo que se tornou amigo e libertador do velho, a história de uma sociedade escravista que se tornou serva da liberdade, a história de um poder que entrou no mundo para proteger, mas não possuir, para defender, mas não para conquistar.” (tradução nossa)⁷⁵

No mesmo discurso, Bush complementa “Os americanos são chamados para cumprir essa promessas em nossas vidas e em nossas leis [...] Nossa fé democrática é mais do que o credo do nosso país, é a esperança inata da nossa humanidade” (tradução nossa).⁷⁶ Essa excepcionalidade que começou como meio de coesão social na formação do território dos Estados Unidos tornou-se parte integral das fundações ideológicas da política externa do país (FONSECA, 2006). Essas ideias foram importantes para agrupar um povo com diferentes origens e pensamento de mundo em um propósito comum para viver em harmonia e em sociedade.

Retornando aos quadrinhos, o Capitão segue declarando sua ignorância e inocência do seu país e coloca as palavras do Mestre dos Terroristas por outro cenário. Capitão evidencia em sua fala que o foi dito pelo inimigo não está incorreto, mas o seu povo nunca soube e nem imaginou dessas ações que o seu governo realizava e ainda realiza. Os atentados de 11 de setembro é um exemplo desse desconhecimento e incompreensão do ocorrido. Aqui é possível verificar os dois lados da moeda: a visão dos norte-americanos e “defensores” da liberdade e democracia e daqueles que sofreram ações deste protetor, refletindo assim sobre os dois lados da história de seu país. Esse caráter era algo que os atores queriam trazer com um olhar mais crítico retratando não somente o acontecimento e suas consequência, mas como os Estados Unidos, apesar de sua imagem messiânica, teve sua parcela de culpa.

Resgatando algumas falas das edições passadas, esse volume também tem como objetivo reforçar a necessidade de união dos povos (Figura 34 e 35) e não deixar se levar pelo ódio e desinformações e acabar gerando mais atos inconsequentes e danosos como foi visto com Al-Tariq e agora, com o Mestre dos Terroristas.

⁷⁵ “We have a place, all of us, in a long story -- a story we continue, but whose end we will not see. It is a story of a new world that became a friend and liberator of the old, a story of a slave-holding society that became a servant of freedom, the story of a power that went into the world to protect but not possess, to defend but not to conquer” (BUSH, 2001).

⁷⁶ “Americans are called to enact this promise in our lives and in our laws [...] Our democratic faith is more than the creed of our country, it is the inborn hope of our humanity [...]” (BUSH, 2001)

FIGURA 35- Capitão finaliza a série fazendo um pedido



Fonte: Captain America, nº6, 2002, p. 23

FIGURA 36- CAPITÃO REFORÇA SEU PEDIDO DE PAZ

Fonte: Captain America, n°6, 2002, p. 24

Por fim, o Capitão elenca que o seu inimigo estava tão cego pelo ódio que não enxergou nada além de sua dor e seu ódio e por isso, não é melhor do que ninguém, nem mesmo de quem o criou. Valeria aqui endereçar essa fala aos próprios Estados Unidos?! Visto que dentro da fala do inimigo ele afirma que o ódio dele foi regado através das ações violenta dos EUA, então a fala do Capitão América pode ser relacionada a este criador também. Na última página, Capitão ratifica que esta não é e nunca será a melhor forma de enfrentar esse problemas e que por mais

que ele possua razão ou argumentos a favor, é necessário defender a paz, pois sempre haverá alguém, algum inimigo com sede de sangue e carregado com ódio. No entanto, a melhor de combater é lutando pela paz. Sua última fala também é uma crítica para as respostas imediatas e a Guerra ao Terror praticada pelo presidente Bush e demais governos. Os autores convocaram seu leitores para lutar pela paz, corroborando com o perfil pacifista do herói principal.

Esse novo perfil com o caráter mais moralista foi duramente criticado, posteriormente, por alguns leitores que acusaram o herói de ser antipatriótico. Em suas interpretações, o Sentinela deveria manter e disseminar a mesma linha de discursos e raciocínio de seu governo e de seu líder, Bush.

Em suma, os quadrinhos analisados do Capitão América nos demonstraram de forma crítica, descritiva e imagética os temas e questões que aconteceram na sociedade norte-americana após os atentados. Os autores e editores trataram discutir sobre as ações do governo logo após, nas guerras e no discurso que se fortificou durante o período. No entanto, o enredo não foi visto com bons olhos por algumas pessoas dentro da empresa da Marvel, o que acabou levando a mudança de editores e criadores na série a partir a edição 7.

Segundo o jornalista Nano Souza (2003), a abordagem da série gerou alguns problemas entre os editores da Marvel Comics. John Cassaday passou a fazer somente os desenhos, criando as capas da edições e Rieber passou a ter um novo parceiro de roteiro, o roteirista Chuck Austen que passa a colaborar a partir da edição 8. No entanto, não durou muito e Rieber saiu afirmando o conflito dentro da empresa e na criação e informou que o Capitão América dele não era o que eles queriam no momento.

Não obstante, apesar de algumas interpretações posteriores, os quadrinhos do Capitão América foram fiéis às vontades de seus criadores, demonstrando mesmo com as mudanças o caráter e o perfil originário do Sentinela. Aquele que representa o melhor dos Estados Unidos. O personagem ainda defende o patriotismo, a liberdade e os valores norte-americanos sem deixar de representar o que acontecia no momento, demonstrando suas transformações, mas dialogando com o que ocorria no momento. Ainda, suas falas e ações proporcionam uma alternativa para passar pela crise gerada pós atentados de 11 de setembro: o Sonho Americano. Na concepção de Pedroso (2014), a concepção de Sonho Americano é algo próximo do ideal que guia o herói, mas que também deve guiar o povo americano. Este sonho teria o potencial de transformar o cenário dos Estados Unidos e de ajudar a população a superar o terror gerado com os ataques. Por fim, os autores foram capazes de afetar o discurso reforçando a identidade

e ideal norte-americana e em contradição, os efeitos da atividade geopolítica dos Estados Unidos.

O aparato e as ações no geral contribuíram para a desconstrução do sistema de liderança que os norte-americanos vinham construindo desde 1945 e conseqüentemente, contribuíram para a crise da sua hegemonia tanto em termos materiais como ideológicos (Pecequilo, 2012). Esse declínio é muito perceptível no segundo mandato de Bush, especialmente a partir de 2007, emergindo juntamente com uma crise econômica que enfatizou o sentimento de antiguerra no Iraque e a falta de apoio de Bush dentro do seu governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou explorar e analisar as histórias em quadrinhos em função da relação que ela apresenta com os atentados terroristas e com os acontecimentos para a sociedade após os ataques. A nona arte, em específico os quadrinhos do Capitão América que foram analisados neste trabalho, possuem o reflexo de seu contexto em seus enredos e em suas imagens. Transmitem, então, o período ao qual foram escritas e produzidas e consequentemente, espelham os sentimentos, características e o espírito do tempo. Nelas, podemos perceber também além das políticas intrínsecas, as críticas dos autores.

Como discutido, as HQ's desde seu início possuem uma relação com a política e está relacionada aos acontecimentos de seu tempo. Trazendo assim, mais um espaço de construção de crítica e representação para a sociedade. Dessa forma, como fruto de seu período as histórias em quadrinhos dos super-heróis começaram a reagir ao de 11 de setembro. Foram citados alguns exemplos no texto e nelas, é perceptível a concepção de mensagens patrióticas, de esperança, de união do povo, de restabelecimento, mas também, de medo, insegurança, raiva, incredulidade e de represália.

Nas HQs, primeiramente, identificamos a descrença de todos quanto ao acontecimento e no decorrer da narrativa, Capitão vai elencando a desunião que está crescendo na população que vê agora o Islã e o islamismo como inimigos. No entanto, continuar com essas ações e com essa pose irá somente fortalecer esse novo inimigo, que gostaria justamente de ver a desunião. Os autores então vão construindo a narrativa mostrando os dois lados, através de diálogos e confrontos. Mostra que as ações que geraram os atentados foram sequelas das políticas imperialistas e suas intervenções dos EUA no mundo, o que gerou um ódio descomunal pela cultura e governo. Assim como os inimigos das histórias são demonstrados como vítimas em razão dos sofrimentos causados pelos Estados Unidos, é mostrado também como os trabalhadores, banqueiros, passageiros e tripulantes também acabaram nesse fogo cruzado.

Com o decorrer do enredo, diversos enfrentamentos são realizados e com eles, os personagens debatem os dois lados da história nessa encruzilhada da Guerra ao Terror. Capitão passa a ficar ciente de determinadas atitudes do seu governo e até mesmo de seus cidadãos e se questiona a veracidade e necessidade das guerras e atitudes realizadas imediatamente aos ataques. Aqui, os autores deixaram claro a mudança no perfil do Capitão América. O patriota, símbolo da liberdade, cidadão ideal passa a defender uma abordagem mais pacifista e do início

ao fim, constrói seu discurso baseado no “American Dream” e na paz, dando um tom de crítica a postura unilateral e preemptiva dos Estados Unidos.

Ainda, esses embates foram necessários para criar uma auto reflexão tanto para o personagem quanto para seus leitores que não tinham enxergado como as ações internacionais dos EUA podiam ter repercussão em seu território. É necessário se questionar e não confiar nos agentes e governantes. Nesse ponto, podemos ver a desobediência que o Capitão América passa a ter com seu comandante, o Nick Fury, pois ele passou a ter conhecimento esses fatos e isso gerou uma reflexão de como ele tem desempenhado seu papel. Mais um caráter é adicionado ao seu perfil, que passa a contestar mais as informações e os comandos dos superiores.

Em contraste com os discursos proferidos por Bush e que também analisamos, as histórias em quadrinhos apesar de refletir um pouco da falas foi de encontro e criou uma dualidade, dando espaço para as justificações do inimigo aos atos. Por outro lado, Bush promoveu, indiretamente ou não, a islamofobia, construindo um “eu” e “outro”, em que os Estados Unidos era marcado pela democracia, liberdade e compaixão e seus inimigos, tirania e crueldade. Em seus discursos, esses contrapontos são bem identificados e são utilizados como argumentos para as invasões e caça ao terrorismo. Vimos que isso também foi essencial para o apoio e popularidade delas.

Além disso, o mito da inocência e da excepcionalidade foi trazido pelos quadrinhos do Capitão América que chama a atenção para, novamente, uma reflexão. Se estão destinados a realizar o bem e o ser o farol da liberdade, como explicar as ações e os ideias no pós 11 de setembro. A forma como Bush reagiu ao 11 de setembro somente deu continuidade ao ciclo vicioso de violência e repressão. Outro contraste que ocorre com os discursos do Presidente que se utiliza muito desses pilares para, mais uma vez, justificar as investidas e que as ações estariam pautadas na segurança nacional. Com o passar do tempo, essas questões e esses discursos foram também importantes para a representação da identidade, trazendo as estruturas do momento e construindo e reforçando aliados e inimigos.

As críticas e os questionamentos que foram trazidos pelos autores foram debates que realmente ocorreram na sociedade norte-americana. Dentre elas, um questão que foi bastante criticada nos quadrinhos foi o caráter patriótica do personagem Capitão. Com as edições, muitos passaram a questionar se o Capitão América ainda era patriótico, já que passou a fazer críticas e reflexões profundas sobre seu país, se identificando mais com um nacionalismo multiétnico. Coisa que antes ele não fazia, pois mantinha a função de manter o status quo e

defendia seus país dos inimigos sem questionar. Contudo, é claro que o Capitão é contra o terrorismo, mas ele também não deixa de lado os argumentos dos inimigos.

Além disso, com a análise de conteúdo foi possível entender a mudança de fala e postura do presidente George W. Bush antes e depois do 11 de setembro. A análise ajudou a entender um pouco sobre a construção de seus discursos e quais os temas mais abordados de forma a angariar o apoio da população e do mundo na chamada Doutrina Bush. Assim, podemos afirmar que seus discursos e falas foram bem alinhados com suas ações tomada durante o recorte temporal escolhido.

Por fim, esta pesquisa teve como objetivo trazer um outro lado da moeda a partir dos discurso do presidente George W. Bush tanto para verificar como alguns elementos das histórias em quadrinhos são verossímeis e como alguns se divergem. Ainda assim, as duas análises trazem á tonas as discussões e espíritos daquele contexto, fornecendo a visão da nona arte com um equipe de artista que construíram suas percepções críticas através do perfil do personagem que é considerado um dos mais famosos e, a percepção e falas de Bush e como os ataques tiveram consequências neles.

REFERÊNCIAS:

ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE. **História dos quadrinhos: eras de ouro e prata.** Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/comics-ouro-e-prata/>. Acesso em: 22 de jul. de 2022.

AFICIONADOS. **Descubra a origem de Trish Walker, amiga de Jessica Jones.** Disponível em: <https://www.aficionados.com.br/trish-walker-jessica-jones/>. Acesso em: 28 de jul. de 2022.

AMINO. **A origem da Tocha Humana (Original).** Disponível em: https://aminoapps.com/c/marvel-comics-amino-br/page/blog/a-origem-do-tocha-humana-original/wKao_xL2FouBvaEmevJWrgZ1z6aeRqe5Dpe. Acesso em: 28 de jul. de 2022.

AMINO. **Lanterna Verde- Alan Scott.** Disponível em: https://aminoapps.com/c/dcamino-comics/page/item/lanterna-verde-alan-scott/pg6m_B8ipINWM1WWxGBxRb4ll3rJwwzqr. Acesso em: 24 de jul. de 2022.

AMINO. **Mandrake.** Disponível em: https://aminoapps.com/c/comics-portugues/page/item/mandrake/e6QK_P4f6Ib83YPDWbpw84Q0M46GmBmPMg. Acesso em: 21 de jul. de 2022.

AMERICAN RHETORIC. **Online Speech Bank.** Disponível em: <https://www.americanrhetoric.com/gwbushspeeches.htm>. Acesso em: 07 de set. De 2022

ASSIS, Érico. **100 anos de Will Eisner | Vida, obra e influências do mais importante autor de HQs.** Omelete. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/100-anos-de-will-eisner-vida-obra-e-influencia-do-mais-importante-autor-de-hqs#1>. Acesso em: 22 de abr. de 2022

ATENTADOS de 11 de setembro: a tragédia que mudou os rumos do século 21. BBC News, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351015>. Acesso em: 19 de abr. de 2022.

BANDEIRA, Luiz. **Formação do Império americano: Da guerra contra a Espanha à Guerra no Iraque.** Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2016.

BARBOSA, Gabriela. **O Construtivismo e Suas Versões no Estudo das Relações Internacionais.** V Congresso Latino-americano de Ciência Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires, 2010.

BARBOSA, Matheus. **Conheça Frank Castle, o violento e trágico Justiceiro da Marvel.** Aficionados. Disponível em: <https://www.aficionados.com.br/justiceiro-marvel/>. Acesso em: 26 de abr. de 2022.

BARBOSA, Rubens. **Os Estados Unidos pós 11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil.** Revista Brasileira de Política Internacional [online]. 2002, v. 45, n. 1 [Acessado 21 Setembro 2022], pp. 72-91. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-73292002000100003>>. Epub 25 Ago 2008. ISSN 1983-3121. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292002000100003>.

BUENO, Eva. **O legado de George W. Bush**. Revista Espaço Acadêmico, v. 8, n. 92, 30 abr. 2021.

BUSH, George W. **Statement by the President in His Address to the Nation**. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010911-16.html>. Acesso em: 09 de out. de 2022.

BUSH, George W. **State of the Union Address**. Washington. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf. Acesso em: 09 de out. de 2022.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **The evolution of international security studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CHOMSKY, Noam (2001). **9-11**. New York: Seven Stories Press, 2001.

_____. **A nova Guerra contra o terror**. Estudos Avançados 16 (44): São Paulo, 2002.

CINE HERO. **Superman: Significado das cores do traje do herói**. Disponível em: <https://www.cinehero.com.br/superman-significado-das-cores-do-traje-do-heroi/>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.

DAVID, Charles-Philippe; GRODIN, David. **Hegemony or Empire: The Redefinition of US Power under George W. Bush**. Ashgate Publishing: England, 2006.

DC FANDOM. **Action Comics (1938-presente)**. Disponível em: https://dc.fandom.com/pt-br/wiki/Action_Comics_Vol_1#Era_de_Ouro. Acesso em: 20 de jul. 2022.

DENTRO DO IMAGINÁRIO MUNDO. **Uma análise por trás dos símbolos: Capitão América**. Disponível em: <https://dentrodoimaginariomundo.wordpress.com/2016/06/10/uma-analise-por-tras-dos-simbolos-capitao-america/>. Acesso em: 25 de abr. 2022.

DITTMER, Jason. **Captain America's Empire: reflections on identity, popular culture, and post-9/11 geopolitics**. In: **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 95, Issue 3, p.626-643, setembro de 2005. Disponível em: http://www.academia.edu/2446135/Captain_Americas_Empire_Reflections_on_Identity_Popular_Culture_and_Post9_11_Geopolitics Acesso em: 22 de set. de 2022

DOMINGOS, Luís. **Entre “Nós” e os “Outros”: o excecionalismo americano como enquadramento identitário das narrativas securitizadas das migrações nos Estados Unidos da América no pós-11 de setembro, 2001-2013**. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2015.

Entre Textos e Leituras. **História das Histórias em Quadrinhos**. Disponível em: <https://entretextoseleituras.blogspot.com/p/historia-em-quadrinhos.html>. Acesso em: 10 de set. 2022.

O Excepcionalismo Internacionalista dos Estados Unidos. Entrevistada: Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta. Entrevistador: Antônio Gasparetto Júnior. Estado de Exceção, out. de 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5V9CRbseo1NOTJ7EfTwrLO?si=c8af30d0219f41ad>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

FILHO, CELSO. **Os Quadrinhos como Forma de Propaganda Ideológica**. Monografia (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, 2009.

FINGUERUT, Ariel. **A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Available at: <<http://hdl.handle.net/11449/98996>>.

FONSECA, Carlos. **“Deus está do nosso lado”: Excepcionalismo e religião nos EUA**. Contexto Internacional: Rio de Janeiro, vol. 29, p. 149-185, 2007. Disponível em: scielo.br/j/cint/a/4ZvcTYg6drfXZTnHb4hJZnF/?lang=pt. Acesso em: 05 de out. de 2022.

GEEKS IN ACTION. **As diferentes eras dos quadrinhos**. Disponível em: <https://geeksinaction.com.br/index.php/2016/11/29/as-diferentes-eras-dos-quadrinhos/>. Acesso em: 22 de jul. de 2022.

GONÇALVES, Francisco. **Combate ao terrorismo após 11/09: uma análise comparativa dos Governos Bush e Obama**. Dissertação (Bacharelado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2015.

GUERRA, Fábio. **Super-heróis e os Conflitos Sociais e Políticos nos EUA (1961-1981)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, 2011

GUIA DOS QUADRINHOS. **Flash Gordon**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/flash-gordon/3996>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

GUIA DOS QUADRINHOS. **John Ney Rieber**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/john-ney-rieber/2190#:~:text=Escritor%20que%20%C3%A9%20mais%20conhecido,Joe%20e%20Tom%20Raider>. Acesso em: 08 de set. 2022.

GUIMARÃES, Cesar. **A política externa dos Estados Unidos: da primazia ao extremismo**. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 16, n. 46, p. 53-67, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9885>. Acesso em: 30 set. 2022.

GREENSTEIN, Fred I. **The George Bush Presidency: an early assessment**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003

HISTÓRIA DO MUNDO. **Atentados de 11 de setembro**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>. Acesso em: 30 de jul. de 2022.

HOMO LITERATUS. **Pulp Magazine: uma alavanca para a ficção científica.** Disponível em: <https://homoliteratus.com/pulp-magazine-uma-alavanca-para-a-ficcao-cientifica/>. Acesso em: 27 de jul. de 2022.

HOFF, Natali. **George W. Bush e a Securitização do Terrorismo após os Atentados de 11 de setembro de 2001.** Conjuntura Global, vol.6 n. 2, mai./ago., 2017, p. 246-266. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/54615/33154>. Acesso em: 3 de out. de 2022.

IVORI DE MATOS, D. **O cinema estadunidense pós-11 de setembro: Hollywood na contramão a Doutrina Bush.** Revista de História, v. 27, n. 2, p. 179–201, 2021. DOI: 10.34019/2594-8296. 2021.v27.33572. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/33572>. Acesso em: 3 out. 2022.

JOÃO, Marcos Lins. **Os super-heróis nas Relações Internacionais.** Revista Pano de Fundo. v. 9, n. 3, 2017.

JONES, Veda Boyd. **George W. Bush. Major World Leaders.** Philadelphia: Chelsea House, 2003.

JURGENS, DAN. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n° 45, July 2001.

JURGENS, DAN. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n° 46, October 2001.

JURGENS, DAN. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n° 47, November 2001.

JURGENS, DAN. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n° 48, December 2001.

JURGENS, DAN. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n° 49, January 2002.

JURGENS, DAN. **Captain America.** New York: Marvel Comics, n° 50, February 2002.

JUNQUEIRA, Marya A. **Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano.** Margem, São Paulo, n 17, p. 163-171, 2003.

MARVEL FANDOM. **Sharon Carter.** Disponível em: https://universocinematograficomarvel.fandom.com/pt-br/wiki/Sharon_Carter. Acesso em: 19 de set. de 2022.

MARVEL FANDOM. **Nick Fury.** Disponível em: https://universocinematograficomarvel.fandom.com/pt-br/wiki/Nick_Fury. Acesso em: 19 de set. de 2022.

MARVEL FANDOM. **Dum-Dum Dugan.** Disponível em: https://marvel.fandom.com/wiki/Dum-Dum_Dugan. Acesso em: 19 de set. de 2022.

MARVUNAPP. **Hate-Monger.** Disponível em: <http://www.marvunapp.com/Appendix/hatemonh.htm>. Acesso em: 19 de set. de 2022.

MERIDIANO 47. **Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais**. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais. Rio de Janeiro, v.2, n.16, out. 2001. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/1131/976>. Acesso em: 18 de set. de 2022

MOREIRA JÚNIOR, Hermes. **O governo de George W. Bush e sua guerra contra o terror: nova orientação tática à estratégia norte-americana**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011. Available at: <<http://hdl.handle.net/11449/98121>>.

MOYA, Álvaro de. **História das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 2. ed., 1993.

NETO, Elydio; SILVA, Marta. **História em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines**. Criativo: São Paulo, 1 ed., 2013.

O VÍCIO. **Marvel revela despedida de Conan, o Bárbaro**. Disponível em: <https://ovicio.com.br/marvel-revela-despedida-de-conan-o-barbaro/>. Acesso em 19 de set. de 2022.

O VÍCIO. **Quem é John Stewart? E como ele pode ser adaptado nos filmes da DC**. Disponível em: <https://ovicio.com.br/quem-e-john-stewart-e-como-ela-pode-ser-adaptado-nos-filmes-da-dc/>. Acesso em: 21 de jul. de 2022.

PINHEIROS, Victor. **Mito Desmascarado: O Super-Heróis Americano em EX Machina**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal da Paraíba, 2016.

QUADRINHEIROS. **A história das histórias em quadrinhos: a era de ouro**. Disponível em: <https://quadrinheiros.com/2013/04/12/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-ouro/>. Acesso em: 24 de jul. de 2022.

REIS, Tiago. **Welfare State: entenda como funciona essa medida econômica**. SUNO, São Paulo, 21 de jun. de 2013. Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/welfare/>. Acesso em: 16 de jul. de 2022.

_____. **New Deal: a alternativa americana para superar a crise de 1929**. SUNO, São Paulo, 15 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/new-deal/>. Acesso em: 16 de jul. de 2022.

RIEBER, John Ney; CASSADAY, John. **Captain America**. New York: Marvel Comics, nº 1, June 2002.

_____. **Captain America**. New York: Marvel Comics, nº 2, July 2002.

_____. **Captain America**. New York: Marvel Comics, nº 3, August 2002.

_____. **Captain America**. New York: Marvel Comics, nº 4, September 2002.

_____. **Captain America**. New York: Marvel Comics, nº 5, October 2002.

_____. **Captain America**. New York: Marvel Comics, nº6, December, 2002.

RIKA. **Thor**. Disponível em: <https://www.rika.com.br/personagens-thor/12/09>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

RODRIGUES, Danilo. **Estados Unidos pós 11 de setembro na História em Quadrinhos In the Shadow of no tower de Art Spiegelman (2001-2004)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, 2017.

SEGREDOS DO MUNDO. **Batman- História e Evolução do heróis nos quadrinhos**. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/batman-historia/https://universohq.com/materias/70-motivos-para-relembrar-e-saudar-o-fantasma/>. Acesso em 20 de jul. de 2022.

SEGREDOS DO MUNDO. **DC Comics- Origem e História da editora de quadrinhos**. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/dc-comics-historia/>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

SEGREDOS DO MUNDO. **Marvel- História da editora nos quadrinhos e no cinema**. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/marvel-historia/>. Acesso em: 22 de jul. de 2022.

SEGREDOS DO MUNDO. **Namor, quem é? Origem, história e curiosidades sobre o herói da Marvel**. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/namor-quem-e-origem-historia-e-curiosidades-sobre-o-heroi-da-marvel/>. Acesso em: 28 de jul. de 2022.

SILVA, Jéssica. **A Origem dos Comics Code Authority**. Governo SP. Disponível em: <https://www.mis-sp.org.br/educativo/blog/800d99cc-460d-4e35-a8db-0fd9ae159c0f9/a-origem-do-comics-code-authority>. Acesso em: 23 de abr. de 2022.

SOUZA, Nano. **Capitão América: Herói ou Vilão?** UHQ. Disponível em: <https://universohq.com/materias/capitao-america-heroi-ou-vilao/>. Acesso em: 06 de out. de 2002.

SUPER INTERESSANTE. **Uma breve História da Marvel**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/mundo-marvel/>. Acesso em 12 de set. 2022.

TERRAVERSO. **#Especial 80 anos: Conheça mais sobre a origem do Flash!** Disponível em: <https://terraverso.com.br/especial80anos-conheca-mais-sobre-a-origem-do-flash/>. Acesso em: 24 de jul. de 2022

THE LABORATORY. **The Iraqi Weapons Puzzle**. NYT, 12out., 2003. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2003/10/12/opinion/the-iraqi-weapons-puzzle.html>. Acesso em: 09 de out. de 2022

UHQ. **Frederic Wertham manipulou dados do livro Sedução do Inocente**. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/fredric-wertham-manipulou-dados-do-livro-seducacao-do-inocente/>. Acesso em: 12 de set. 2022.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P.; CHINEN, N. **Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Editora Criativo, 2009.

VIANA, Nildo. **Quadrinhos e Política**. Biblioteca on-line de Ciência de Comunicação, 2011.

WICK, Robert. **Sentinels of Liberty: Captain America, His Doubles, And the Dilemma of America Identity**. Bachelor- Faculty of the Wilkes Honors College, 2009.

YUGE, Claudio. **Por que dois personagens tinham o mesmo nome de Capitão Marvel?** Canaltech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/quadrinhos/por-que-dois-personagens-tinham-o-mesmo-nome-de-capitao-marvel-173728/>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.